

AM

AVE-MARIA REVISTA MENSAL — ANO XCIX
Nº 5 maio 1997 R\$ 2,50

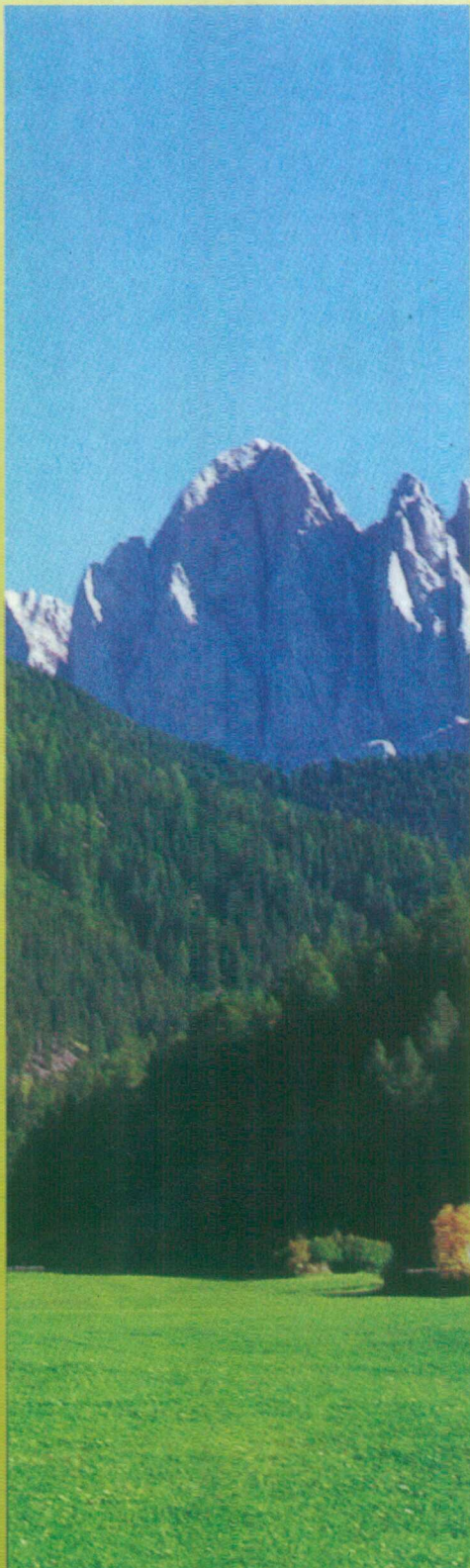


**A ATRAÇÃO
DE DEUS**

**MARIA:
A MÃE DO
ENCARCERADO
JESUS**

**A IGREJA VAI
ÀS PRISÕES**

“Vi um novo céu e uma nova terra”



Então verei o sol com olhos novos
e a noite e sua aldeia reunida;
a garça branca e seus ocultos ovos,
a pele do rio e sua secreta vida.

Verei a alma gêmea de cada homem
na inteira verdade de sua querência;
e cada coisa em seu próprio nome
e cada nome em sua realizada essência.

Confluindo na paz do Teu Olhar,
verei por fim a encruzilhada certa
de todos os caminhos da História

e o reverso de festa da Morte.

E fartarei meus olhos em tua Glória,
para assim sempre mais ver, ver-me e ver-Te.

*D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, MT,
tradução do poema “Vi un cielo nuevo y una tierra nueva”*

4. A IGREJA NO MUNDO

Notícias

6. A PALAVRA DO PAPA

Dia Mundial das Comunicações

8. CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A igreja vai às prisões

Frei Betto

9. O que é uma rebelião?

Mário Ottoboni

10. Maria: a mãe do encarcerado Jesus

João Batista Libânio

12. Vale do Rio Doce

Declaração da CNBB

13. O QUE SUA IGREJA NÃO TEM...

Purgatório e oração pelos falecidos

Isidoro de Nadai

14. A atração de Deus

Geraldo Araújo Lima

16. SANTOS - TESTEMUNHO DE VIDA CRISTÃ

São Pacômio

José Benedito Cottolengo

Ronaldo Mazula

18. MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

Nossa Senhora da Árvore

Roque Vicente Beraldi

19. O livro didático: quão humanizado?

Francisco Gomes de Matos

21. ALCOOLISMO

Intervenções orientadas

(continuação)

Donald Lazo

22. MEU LAR, MINHA ALEGRIA

Sua riqueza

Wimer Bottura Jr.

23. CULINÁRIA

Paulina Alzamora L. Juliani

25. LITURGIA DA PALAVRA

De 18 a 29 de maio

28. DIVERTIMENTOS

29. RELENDO A BÍBLIA

Fraternidade e encarcerados

Norma Termignoni

30. PARA REZAR BEM OS SALMOS

Convite ao louvor universal

Pe. José Fonzar, cmf

Ave, Maria!

Maria é uma jovencinha de Nazaré. Humilde, gente do povo simples e pobre, espera o Messias libertador como todos e vive nessa esperança com serenidade, acolhendo o mistério que envolve o plano salvador de Deus.

Sem sobressaltos, mas intrigada, ouve atenta a saudação do mensageiro "Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo." (Lc 1,28)

Maria medita sobre o significado da mensagem e questiona o mistério por não compreendê-lo em toda sua amplitude. A maternidade de Maria é escolhida para atender ao desejo de Deus de estar conosco.

A experiência de envolver-se com Deus torna-a forte. Encorajada pela santidade que traz em si, dispõe-se a ajudar a parente Isabel, e proclama alegremente a soberania de Deus.

Pensar que uma jovencinha de Nazaré, porque traz o amor de Deus no coração, assume tal destemor e proclama que "Deus derruba do trono os poderosos e exalta os humildes... Sacia de bens os indigentes e despede de mãos vazias os ricos" Lc 1,52, nos faz considerar que Deus escolhe estar a favor do povo oprimido e demonstra seu poder e sua força nos simples e frágeis, como era a pobrezinha de Nazaré, Maria.

Mais nitidamente esta intenção de Deus é definida quando Cristo revela que o Espírito do Pai o ungiu para anunciar a boa notícia aos pobres: a libertação chegou. (cf. Lc 4,18)

A saudação do Anjo Gabriel dá origem ao nome desta revista: Ave-Maria. Há 99 anos ela foi criada para homenagear Maria e para prestar-lhe um culto de veneração e louvor filial.

Acreditamos homenagear Maria como filhos enquanto imitamos a mãe, proclamamos e damos glória ao Senhor que olha com ternura para o pobre e jamais se esquece de ser misericordioso (cf. Lc 1, 78). É assim que ela exulta de alegria em seu corajoso cântico o "Magnificat".

Mais um ano e a Revista Ave-Maria completará seu centenário. Milhões de pessoas neste quase século de existência da revista, motivados por ela, saudaram Maria. Certamente como Mãe ela intercede por todos nós.

Queremos continuar com o mesmo ideal e espírito

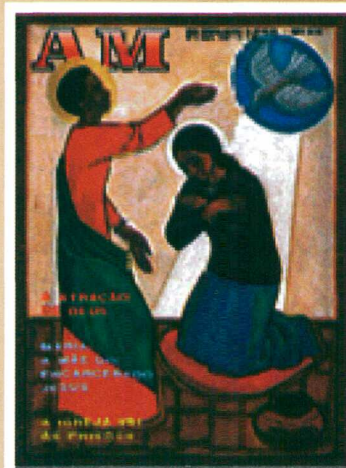
de Maria no acolher o ser de Deus, para sermos na comunidade humana e na Igreja sementes de liberdade, justiça, amor e paz.

Inspirados na divina saudação, queremos livremente saudá-la e pedir-lhe a bênção e proteção:

Ave, Maria, plena de graça de Deus. O Senhor esteja contigo e com teu filhos e bendito é o fruto do amor de Deus e do teu amor, Jesus. Santa Maria, mãe de Jesus e nossa mãe, rogai por nós homens e mulheres, santos e pecadores agora, a caminho do Reino e na hora de nosso encontro definitivo com o Pai.

Amém

P.C.G.



Os católicos e os Luteranos da Suécia

Uma pesquisa realizada em Estocolmo, capital da Suécia, por um grupo de 15 pesquisadores, demonstra que a catedral católica de Santa Eugênia, localizada perto do Jardim do Rei, no centro da cidade, conseguiu "a maior pontuação pelo número de fiéis, durante as festas pascais". A igreja, sempre segundo a pesquisa, também ofereceu

aos fiéis o melhor ambiente, o sermão mais inteligente (avaliando-se o conceito, a qualidade e a intensidade intelectual) e música sacra mais sugestiva. Ou seja, a Igreja católica de Estocolmo é a que mais impressiona os ambientes intelectuais suecos. O resultado da pesquisa, denominada "O teste das Igrejas", foi publicado pelo jornal "Svenska Dagbladet". Os pesquisadores deveriam dar uma pontuação de 0 a 5 para qualidade dos ritos religiosos nas várias igrejas

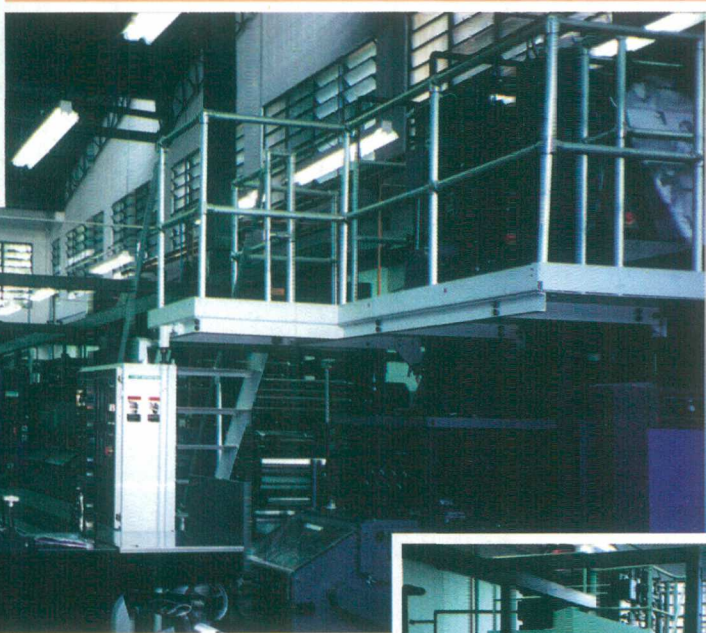
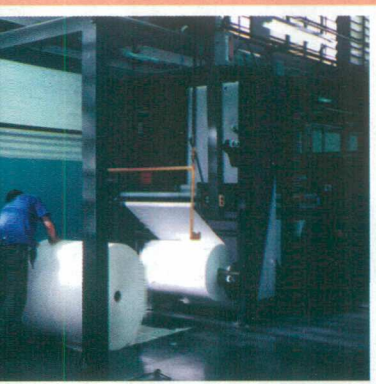
e paróquias, participação, ambiente, música, etc. Os suecos, em geral, têm uma religiosidade particular, mas nas grandes festas como Natal e Páscoa costumam frequentar as igrejas, que ficam quase cheias. A catedral católica, segundo a pesquisa, estava lotada; a maioria frequentou a comunhão; os cantos e as cerimônias perfeitas e a homilia recebeu a máxima pontuação, 4,5. Um detalhe curioso é que muitos evangélicos, que são a maioria absoluta da popu-

lação, preferem frequentar as poucas igrejas católicas no país.

A Pastoral da Mulher Marginalizada

Esta entidade foi indicada pela CNBB para participar do Encontro Internacional sobre a Prostituição Infantil, que se realizou na Suécia no final do ano passado. Este ano, sob a presidência de Iolanda Toshie Ide e cuja secretária

Nova Rotativa da Editora Ave-Maria



A Editora Ave-Maria acabou de montar a sua nova impressora rotativa off-set quatro cores adquirida na Alemanha. Esta edição da Revista Ave-Maria foi impressa nessa nova máquina, buscando proporcionar aos leitores uma melhor e mais eficaz divulgação da Palavra de Deus através de técnicas avançadas.

executiva em São Paulo é Monique Laroche foi participaram de um Seminário Internacional sobre Crime Organizado e Exploração de Menores, promovido pela Associação Internacional de Magistrados para Jovens e Família, de 4 a 6 de abril, em Nápoles, Itália. A Pastoral foi representada pela jornalista Priscila Siqueira, Vice-presidente do Serviço à Mulher Marginalizada.

Bispo do México denuncia pressões

Dom Lázaro Pérez Gimenez, Bispo de Autlan, no Estado mexicano de Jalisco, denunciou pressões psicológicas por parte de "pessoas que se dizem agentes do governo federal". Dom Lázaro informou que há um mês está sendo vigiado e, recentemente, um grupo de "jornalistas" filmou todos os seus movimentos: a missa, encontro com lideranças e inclusive confissões na

localidade de El Platarar. Informou ainda que foi impedido de chegar a uma comunidade eclesial. "Acredito que estejam fazendo isso comigo porque denunciei irregularidades que estão acontecendo no sul de Jalisco", disse o Bispo.

Também alguns sacerdotes estão sofrendo pressões porque denunciavam abusos e a ação de narcotraficantes.

Associação Cristã afro-piracicabana

Em Piracicaba, SP, foi instalada recentemente, com uma celebração eucarística, a Associação Cristã Afro-Piracicabana Beneficente e Cultural da Diocese de Piracicaba com objetivos culturais e assistenciais para proteger, promover e resgatar a verdadeira identidade da comunidade negra, preservando e divulgando os valores históricos, culturais, e morais da raça negra na cidade e região.



II Encontro Mundial do Papa com as Famílias

O Santo Padre convida as famílias do mundo inteiro para esse encontro, em outubro de 1997 no Rio de Janeiro com tema, *A Família: Dom e Compromisso, esperança de humanidade*. O evento dá continuidade ao II Encontro Mundial, ocorrido em Roma, em 1994, visando a nova evangelização, a partir da realidade das famílias de todo o mundo. O encontro é promovido pelo Pontifício Conselho da Família. A Arquidiocese do Rio será anfitriã e está organizando o evento com a colaboração da CNBB e o apoio das Conferências Episcopais, especialmente da CELAM.

O Papa chegará ao Brasil no dia 2 de outubro e

permanecerá na cidade até dia 5. Durante este período estão previstos três grandes eventos: o Congresso Teológico, a Festa Testemunho e a Missa Campal.

O Congresso Teológico se dará de 1 a 3 de outubro, no Riocentro e terá a participação de 2.500 delegados enviados pelas Conferências Episcopais do mundo. O Congresso deverá contar, no seu encerramento, com a presença do Santo Padre.

A Festa Testemunho acontecerá no Maracanã, no sábado à tarde. Será o encontro das delegações de todo o mundo, um evento evangelizador.

A Missa Campal será realizada na manhã de domingo, dia 5, no Aterro do Flamengo. E será o grande encontro do Papa com as Famílias. São aguardados mais de 1 milhão de fiéis para esta celebração.

Além destes, mais dois eventos contarão com a presença de João Paulo II: uma missa para o clero, na Catedral Metropolitana e uma visita ao presidente Fernando Henrique Cardoso, no Palácio Laranjeiras. ■

AM

A Revista **Ave-Maria** é uma publicação da Editora Ave-

Maria. (CGC 60.543.279/0002-62). Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCCP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. Diretor responsável: Cláudio Greggiani (MTB nº 14.696) Administração: Hery Vaz Diniz; Preparação, redação, diagramação: Avelino S. de Godoy (MTB nº 14.962); revisão J. J. Sobral. Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129 - Caixa Postal 6226 CEP 01064 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300. A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da revista **Ave-Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Preços: Assinatura - R\$ 20,00. Número avulso - R\$ 2,50

A revista Ave-Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Capetins.

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às Senhoras e aos Senhores Assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave-Maria a todos os seus representantes legais.

A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggiani (RS); Vania Sale e Marca (PR); Arnaldo Oliveira Reis (SP); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mionandi (SP); Benedito Brancati (SP); Pe. Pedro Jordá; Fábio André Dias; Maria Cristina Almeida Prado, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Dia Mundial das Comunicações

Na festa de São Francisco de Sales (24 de janeiro), patrono dos editores católicos, o Papa divulgou a mensagem para o Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social a se realizar no dia 11 de maio, cujo tema deste ano é “Comunicar Jesus: o caminho, a verdade e a vida”. Seguem alguns tópicos de sua mensagem:

“**A**queles que se beneficiam dos meios de comunicação dispõem de um crescente número de opções. Quanto mais opções, mais difícil fica escolher responsabilmente. O fato é que se tem uma crescente dificuldade em proteger os próprios olhos e ouvidos de imagens e sons que chegam através dos meios de comunicação, inesperadamente e sem escolha prévia. É cada vez mais complicado aos pais proteger seus filhos de mensagens insanas (...)”

“A opinião pública fica chocada pela facilidade com que as mais avançadas tecnologias de comunicação podem ser exploradas por quem tem más intenções. Desse modo, como não advertir a relativa lentidão por parte daqueles que desejam usar bem essas mesmas oportunidades?”

“Em algumas partes do mundo se levantam vozes contra o que se vê como o domínio dos meios de comunicação pela chamada cultura ocidental. Pelo que produzem os meios de comunicação se percebe como a representação de valores apreciados pelo ocidente e, por extensão, se supõe que representem valores cristãos. Na verdade, nesta

questão, só o benefício comercial é que se considera como primeiro e autêntico valor.”

“Além do mais, nos meios de comunicação parece diminuir a proporção de programas que expressam aspirações religiosas e espirituais, programas moralmente edificantes e que ajudem as pessoas a viver melhor suas vidas. Não é fácil permanecer otimistas sobre a influência dos meios de comunicação de massa quando estes parecem ignorar o papel vital da religião na vida das pessoas, ou quando as crenças religiosas são tratadas sistematicamente de forma negativa e antipática.”

Na Igreja, o ano de 1997, primeiro dos três de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, está sendo dedicado à reflexão sobre *Cristo, o Verbo de Deus feito homem por obra do Espírito Santo*.

Este tema oferece a oportunidade à Igreja de meditar e atuar sobre a contribuição específica que os meios de comunicação podem fazer para difundir a Boa Nova da salvação em Jesus Cristo.

Os atuais meios de comunicação de massa se dirigem não só à sociedade em geral, mas, sobretudo, às famílias, aos jovens e também às criancinhas. Para que



“caminho” apontam os meios de comunicação? Que “verdade” propõem? Que “vida” oferecem?”

O “caminho” de Cristo é o caminho de uma vida virtuosa, frutífera e pacífica como filhos de Deus (...); a “verdade” de Cristo é a verdade eterna de Deus (...); e a “vida” de Cristo é a vida da graça. Quando os cristãos estão verdadeiramente convencidos disto, suas vidas se transformam. Esta transformação se manifesta não só em um testemunho pessoal que interpela e dá credibilidade, mas também em uma urgente e eficaz comunicação, — também através dos meios — de uma fé viva, que paradoxalmente cresce ao ser compartilhada.

É consolador saber que todos os que assumem o nome de cristãos



compartilhem esta mesma convicção. Com o devido respeito às atividades comunicacionais de cada uma das Igrejas e das comunidades eclesiais, seria um significativo êxito ecumênico que os cristãos pudessem cooperar mais estreitamente entre si nos meios de comunicação de massa para preparar a celebração do próximo Grande Jubileu. Tudo deve focalizar-se sobre o objetivo fundamental do Jubileu: o fortalecimento da fé e do testemunho cristão.

O mesmo Jesus que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”, é também “a luz do mundo”: a luz que ilumina nosso caminho, a luz que nos faz capazes de perceber a verdade, a luz de Filho que nos dá a vida sobrenatural agora e no tempo vindouro. Os dois mil anos que passaram desde o nascimento de Cristo representam uma extraordinária comemoração para a humanidade em seu conjunto, dado o relevante papel da cristandade durante estes dois milênios. Seria oportuno que os meios de comunicação reconhecessem a importância dessa contribuição.

Talvez um dos presentes mais belos que podemos oferecer a Jesus Cristo no aniversário de dois mil anos de seu nascimento, seria que a Boa Nova fosse enfim dada a conhecer a cada pessoa no mundo — antes de tudo através do testemunho, do exemplo cristão — porém, também através dos Meios de Comunicação: “Comunicar Jesus Cristo: o Caminho, a Verdade e a Vida”.

João Paulo II

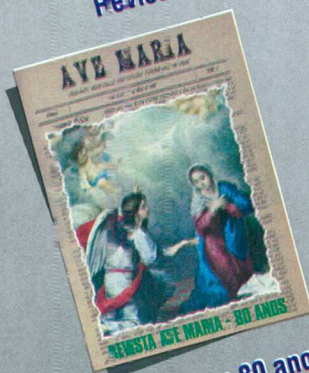
Revista Ave-Maria 99 anos



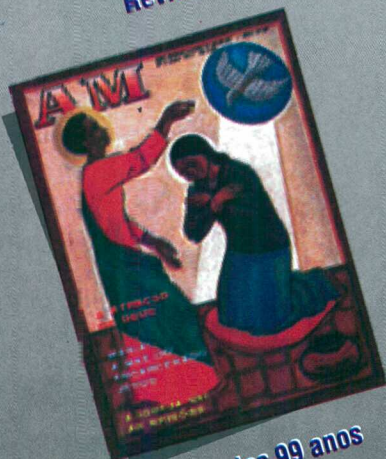
Revista dos 70 anos



Revista dos 75 anos



Revista dos 80 anos



Revista dos 99 anos

Um anjo do Senhor apareceu a Maria e disse: “Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo.” Inspirados nestas palavras de saudação originou-se a revista Ave-Maria. Um folheto de quatro páginas no início e 300 exemplares, pioneira das revistas marianas, foi ganhando corpo até chegar ao que ela é e representa. Seus fundadores: Comendador Tiburtino Mondim Pestana, D. Maria Cândida Junker Álvares e Manuel Recco. Um ano depois de fundada os missionários claretianos assumia sua direção, pela dificuldade em mantê-la em circulação. A capa desta edição (maio de 97) representa bem a homenagem que se quis prestar àquela que foi humildemente a mãe de Jesus. Na nossa fé, a ponte entre Deus e o homem, o início do mistério da redenção humana através de Jesus Cristo e continuada no tempo pela Igreja. A pintura da capa, um anjo negro fazendo o anúncio a uma moça, Maria, foi pintada, exclusivamente, por Cerezo Barredo, missionário claretiano, que busca expressar em suas pinturas o modo latino-americano de sentir a fé de nossa gente.

A Igreja vai às

Frei Betto

A Igreja católica traz a público o debate sobre as condições carcerárias no Brasil, o anacronismo de nosso poder judiciário, o despreparo das polícias quanto aos direitos humanos. Mas não só. São também prisões, no sentido bíblico, a doença, a miséria, a falta de esperança, a deturpação da sexualidade, a corrupção, os preconceitos étnicos e raciais.

A Campanha toca num ponto nevrálgico: a mesma mídia que acusa a Igreja de proteger bandidos, e mostra pela TV a dor das vítimas, veicula a violência através de filmes e novelas. Como evitar o estupro se anúncios de tele-sexo sugerem que o prazer total reside no corpo de uma desconhecida? Como reduzir crimes com armas de fogo se o governo permite que elas sejam vendidas na esquina, que os traficantes e os capangas de latifúndio possuam armas privativas das Forças Armadas e os enlatados da TV exaltem como heróis os que dão muitos tiros?

Não haveria tantas pessoas violentas se não houvesse uma cultura da violência. “Toda pessoa é maior que sua culpa”, frisa a CNBB. É fácil encher a boca de preconceito quando se tem casa, trabalho e roupa lavada. Mas quando o desemprego e a falta de escolaridade levam ao desespero e, deste, à prostituição e ao crack, quem se lembra de questionar o governo sobre sua política de empregos e perguntar onde estão as escolas para os menores que enchem as ruas?

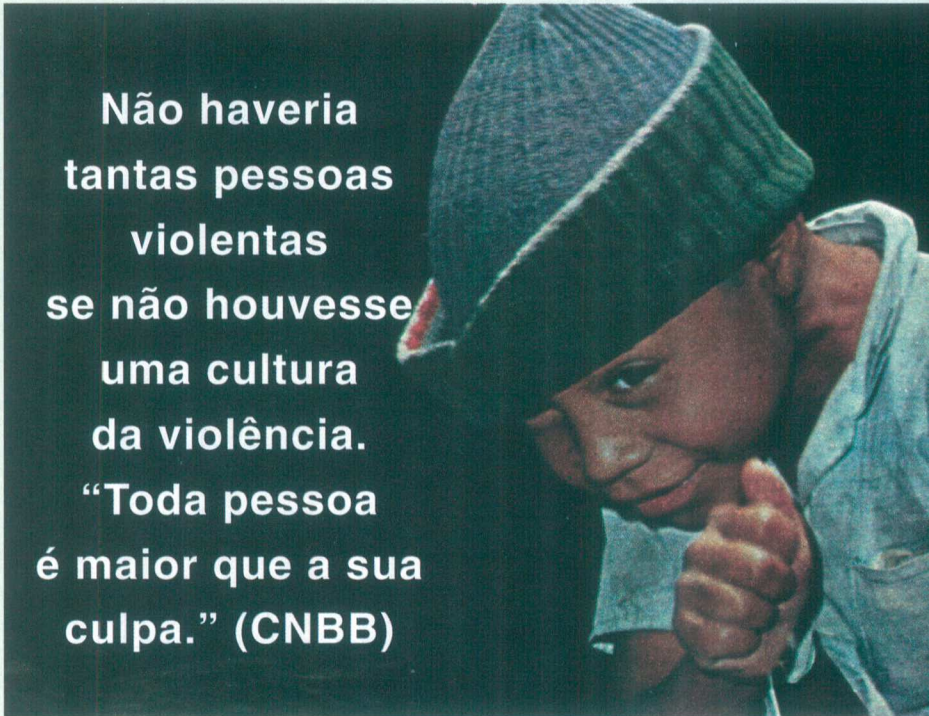
O censo penitenciário de 1994 registra uma população carcerária de 129.169 presos para 59.954 vagas,

ou seja 2,15 pessoas por vaga. Os homens são a grande maioria: 96,31%. Desses 68% têm menos de 30 anos; 95% são muito pobres; e 85% não têm recursos para contratar advogados. Ao contrário do que brada o preconceito, a maioria é branca: 56%.

É a miséria que produz o bandido? Também, mas não só. A soma do dinheiro roubado por toda a população carcerária do Carandiru,

jaguços e policiais, assassinou 50 sem-terra. Só neste início de ano, 6. Ninguém se encontra atrás das grades. E, agora, o governo federal promete recolher armas no sul do Pará, tendo o cuidado de, antes, tornar pública a decisão, para que os arsenais sejam melhor escondidos...

Sob a ditadura militar, estive encarcerado quatro anos, dois como preso comum, na Penitenciária do Estado (SP), no Carandiru, e na



**Não haveria
tantas pessoas
violentas
se não houvesse
uma cultura
da violência.
“Toda pessoa
é maior que a sua
culpa.” (CNBB)**

com mais de oito mil homens, não chega a 10% da fortuna embolsada, nos últimos 30 anos, pelos criminosos de colarinho branco: propinas, desvios de verbas, sonegações, anões do orçamento, comissões ilegais, etc. Todos em pleno gozo da liberdade, graças à impunidade e à inoperância do poder judiciário.

Em 1996, o latifúndio, através de

penitenciária de Presidente Ven-ceslau. Sei que a maioria dos presos é recuperável. Ocorre que, exceto o heróico trabalho da Pastoral Carcerária, de Igrejas evangélicas e de instituições como a APAC, quase nada se faz nesse sentido. Os carcereiros ganham mal e são despreparados para lidar com os detentos. Muitos preferem o argumento da força à força do

prisões

argumento. O judiciário é lerdo na condução dos processos e o executivo pouco se preocupa em tirar os reclusos da ociosidade. As oficinas são precárias e a prática de esporte, limitada. O ócio favorece o consumo de drogas, a guerra de quadrilhas, a violência sexual, os assassinatos por arma branca. A delegacia funciona como escola primária do crime; a casa de detenção, como segundo grau; a penitenciária, como universidade.

O prisioneiro é recuperável. Se houvesse cursos profissionalizantes nas cadeias, inclusive computação, com redução de pena proporcional ao avanço curricular; se os talentos artísticos fossem incentivados; os esportes, incrementados; se os carcereiros aprendessem um mínimo de psicologia e a respeitar os direitos humanos; e a comunidade superasse seus preconceitos e fosse aos cárceres, o índice de reincidência cairia muito.

No fundo, somos todos presos: de tabus, da pretensão de ser melhores do que os outros, do assassino que habita o nosso coração e criva de ódio o motorista à frente que nos dá uma fechada, da ideologia que execra o bandido pobre no *Aqui Agora* e exalta o rico no *Fantástico*.

A Campanha da Fraternidade ressalta que Jesus veio libertar a todos. Por isso, identificou-se com os prisioneiros: “Eu estava na prisão e vocês foram me visitar” (Mateus 25,36). Mas quem é capaz de reconhecer a face de Jesus no rosto de um encarcerado? ✕

Frei Betto é escritor e autor de Cartas da Prisão (Difel), entre outros livros.

O que é uma rebelião?

Mário Ottoboni

Já ouvimos dezenas de depoimentos de presos e egressos que participaram de uma rebelião ou de seus preparativos ou, de tudo sabendo, foram obrigados a guardar segredo sobre o plano, para evitar o fracasso.

Puro engano! Rebelião é pesadelo, insônia, engodo, não chega sequer a “status” de sonho. Definir uma rebelião, necessariamente implica relatar o sofrimento atroz que a sua fase preparatória impõe, porque é exatamente nesse período que os autores e coniventes vivem indescritível “sufoco”, misto de incerteza, angústia e pavor. A execução da rebelião, em si, diz pouco ou nada, em relação a sua véspera. Em qualquer das duas etapas a rebelião se processa quase sempre ligadas aos maus tratos, superlotação, miséria e sofrimento da família e direitos processuais postergados. Inconsciente ou conscientemente, entretanto, as pessoas, envolvidas em planos de fuga e rebelião, são aquelas que não vêem mais qualquer perspectiva de futuro, esperança de dias melhores, e sem objetivos de vida.

A existência dessas pessoas se assenta em desenganos e frustrações. E nunca podemos perder de vista que um ser humano sem ideal, torna-se irracional, extremamente perigoso.

Qual o preso que não sabe, em sua consciência, de antemão, que em qualquer confronto com a polícia levará sempre a pior? E os presos que se expõem a esse grave risco,



Foto: capa do livro (Marcelo Hardt)

no mínimo, nos oferecem excelente material para reflexão.

A rebelião é inquestionavelmente, um ato traumatizante e suicida. Quando descoberto o plano (cai o trampo), a cagoetagem aponta irresponsavelmente culpados e inocentes, recaindo sobre eles duros castigos, com o registro de falta grave no prontuário, que será sempre levado em conta pelos membros da C.O.C. para exarar parecer contrário a qualquer pretensão daquele que se envolveu ou foi envolvido no trágico esquema de conquistar a liberdade por vias travessas. E quando o preso consegue vencer as muralhas do estabelecimento penal, se não morrer ou for recapturado nas proximidades, passa a sofrer irresistível perseguição policial. Estará — que ilusão! — mais preso agora “em liberdade” do que antes atrás das grades. E os reflexos de um plano de rebelião são profundamente nefastos, distribuindo pânico entre os presos, com ameaças de vingança, “jurados de morte”, com a desconfiança predominando, com a própria

polícia fazendo o jogo da dúvida e isto ocorre, mesmo que haja “parcial sucesso”, porque os que ficaram se encarregam de declarar a guerra de nervos, de apontar culpados, etc.. É em suma, o tipo do negócio que só um lado perde: os presos. E os efeitos dessa guerra interna às vezes, dura anos e anos.

E a família do preso pode saber de um plano de rebelião, de fuga em massa, de túneis em preparação e de outros detalhes que irão agitar o “cadeião”? É perigoso, muito perigoso. Mas se isto ocorrer, alguém da família, capaz de agir prudentemente, sem deixar rastros suspeitos, deve denunciar o plano, evitando o pior: A morte de muitos e, inclusive, de inocentes que são obrigados a dançar no ritmo dos mais fortes.

Como dissemos, não existe rebelião bem sucedida, exceto na cabeça de poucos conhecidos “cabeças de bagre”, diante dos estragos e traumas que acaba deixando. O saldo nunca é positivo, mesmo aparentando ser vitorioso, trás consigo, mascarando tudo, a fragilidade de algo fugaz, que na soma nada de útil acrescentou, deixando saldos difíceis de serem ressarcidos.

O melhor caminho a ser seguido é dialogar, comunicar-se. Use de todos os artifícios possíveis e imagináveis para ser ouvido. Escreva, peça ajuda, expeça convites, solicite atenção. Faça amigos, construa confiança, lute pelos seus direitos com dignidade, sem comprometer ninguém, mesmo porque “a violência destrói o que pretende construir”. ■

*Mário Ottoboni, advogado é presidente da APAC (Associação de Proteção aos Condenados) de São José dos Campos, SP. Autor do recente livro **Ninguém é irrecuperável**, Editora Cidade Nova, SP.*

Maria: a mãe do

João Batista Libânio

O plano salvífico de Deus Pai se realizou pela pessoa de Jesus. Ele poderia ter aparecido e andado entre nós adultos, saltando o enorme hiato de silêncio da infância e adolescência. Mas não! Quis fazer o percurso completo da existência. E Maria vincula-se indissolúvelmente a esse caminho de Jesus, como sua mãe. Mais. Deus respeita as liberdades humanas. E a encarnação não só passou pelo corpo de Maria, mas, de modo ainda mais sublime, pelo seu sim generoso e livre. Aí está a sua maravilhosa vocação.

Maio já foi um mês sem expressão. Perdia-se no calendário juliano como uma estrela na imensidão do céu. Mas, pouco a pouco, a imaginação religiosa de nosso povo transformou-o em estrela de primeira grandeza mariana. Houve um crescendo. Era a marca católica, que nos distinguiu de outras denominações religiosas. Chegou a momentos de esplendor. Os mais antigos recordam-se que, na sua infância, tudo era tão bonito com as coroações, reza do terço, cânticos, procissões, quermesses, etc. Apesar de ser outono, era chamado de “mês das flores”, “primavera da fé”. Nos colégios católicos, todos os dias havia alguma novidade mariana. As crianças porfiavam em levar ao altar de Maria seus obséquios materiais e espirituais.

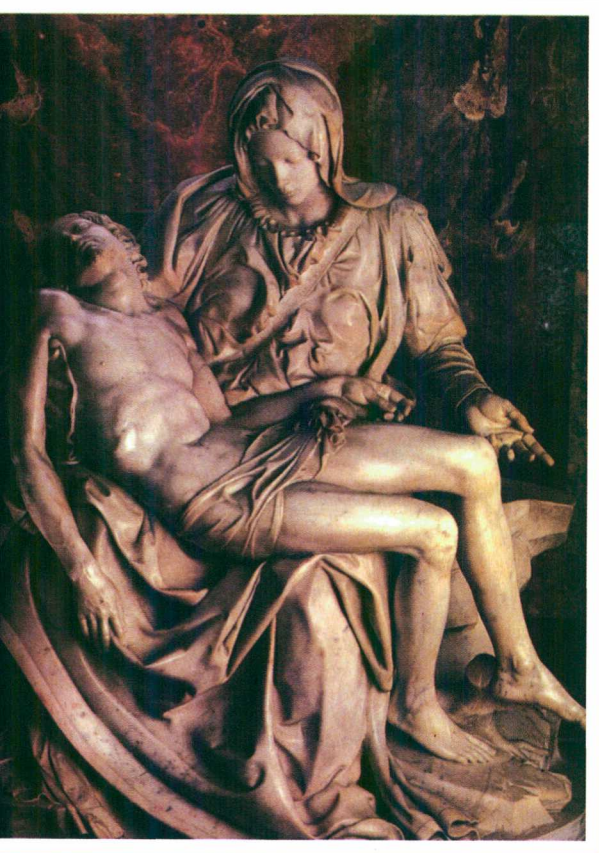
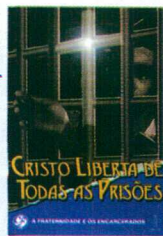
A secularização bateu às portas de nossa piedade pública. Em muitos lugares, silenciou-se esse culto mariano. Houve razões culturais, teológicas e ecumênicas. Temeu-se,

em dado momento, que a devoção a Maria abalasse a centralidade absoluta de Cristo. E, procurou-se também traduzi-la em termos que favorecesse o diálogo com nossos irmãos protestantes.

Agora estamos colhendo os frutos positivos desses esforços e corrigindo os extremos que eles produziram. Teólogos evangélicos de valor perceberam a riqueza e a importância de Maria na história da salvação. O plano salvífico de Deus Pai se realizou pela pessoa de Jesus. Ele poderia ter aparecido e andado entre nós adultos, saltando o enorme hiato de silêncio da infância e adolescência. Mas não! Quis fazer o percurso completo da existência. E Maria vincula-se indissolúvelmente a esse caminho de Jesus, como sua mãe. Mais. Deus respeita as liberdades humanas. E a encarnação não só passou pelo corpo de Maria, mas, de modo ainda mais sublime, pelo seu sim generoso e livre. Aí está a sua maravilhosa vocação.

Os teólogos também reconhecem

encarcerado Jesus



a relevância da fé do povo fiel. Não é fruto de ignorância, mas ação do Espírito. Lei de orar, lei de crer. O povo reza a Maria como expressão de sua fé. Esta é a fé da Igreja, alimentada pela presença do Espírito. A fé do povo é normativa. Os teólogos descem de suas cátedras, às vezes auto-suficientes, para pôr-se a escutar a voz do Espírito, misturada à fé simples popular. Os Padres da Igreja falavam com admiração da “fé do carvoeiro”.

Os teólogos vinculam profundamente a devoção a Maria à pessoa de Jesus. O risco de o culto mariano obscurecer a figura de Cristo desaparece numa teologia mariana no

dogma maior da maternidade divina.

Na América Latina, desenvolve-se uma nova figura de Maria, bem próxima ao povo, aos pobres. Maria da libertação. Ela é a primeira a entrar na Escola do Filho, que escolheu uma vida de pobreza, de compromisso com os marginalizados da história, de acolhida aos pecadores. Abandonou os sonhos de uma vida tranqüila de uma donzela simples de Israel para assumir as vicissitudes dolorosas de ser mãe do imprevisível Jesus. Deixou uma família do interior da Galiléia para enfrentar a publicidade de um filho condenado à morte pelas

maiores autoridades de seu país. Em vez de viver serenamente com o marido e com numerosos filhos, como qualquer mãe judia, teve que aprender, cada dia, a penetrar o mistério do filho único dela e de Deus. Jesus era absolutamente singular. Incomparável pela consciência e missão. Maria tinha que ir às apalpadelas, desvendando-lhe os passos.

Evidentemente a sua experiência mais dura e difícil foi acompanhar o filho desde a prisão até a morte. Mãe de um prisioneiro. Mãe de um condenado à morte. Mãe de um executado. Talvez as mulheres que hoje possam entender melhor esse mistério de Maria sejam as mães dos encarcerados.

Neste sentido, a Campanha da Fraternidade deste ano nos convida a contemplar Maria a mãe do Encarcerado Jesus e as mães de todos os encarcerados. Elas sofrem essa terrível humilhação. Nunca teriam imaginado que de seu seio saísse um criminoso. Dói-lhes essa fatalidade. Agora, suportam-na no silêncio, na vergonha, nas frases reticentes. Algumas chegam mesmo, e outro dia o noticiário nos mostrava uma, a rejeitar os próprios filhos. Sentem-se aliviadas, pobres mulheres, ao verem que seus filhos já não perambulam pelas vias do crime, mas estão, sim, trancafiados nalgum antro de miséria de nossas prisões ou quem sabe já foram eliminados pela justiça vingativa dos homens. Duvidam, em seu inconsciente confuso, qual seria o mal menor. Prisão ou crime. Crime ou eliminação! Não lhes passa pela cabeça que eles possam reabilitar-se, tal é a experiência pesada de vê-los metidos no mundo da marginalidade.

Só a misericórdia de Deus e o amor materno de Maria conseguem entender o que se passa no coração de uma mãe de um encarcerado, de um condenado. É uma mistura difícil de desvendar: de amor e de decepção, de aceitação e de rejeição, de preocupação e de esquecimento, de fatalidade e de culpabilidade. Mas em todo caso, são sempre mães. ■

João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG.

Vale do Rio Doce

POR UM DISCERNIMENTO DEMOCRÁTICO
 Declaração da 35ª Assembléia Geral da CNBB

“**P**ela urgência e importância que a proposta governamental de privatizar a CVRD implica, nós, Bispos católicos do Brasil reunidos em Assembléia Geral, à luz de graves exigências éticas, sentimos-nos interpelados, na consciência de pastores, a manifestar nossas preocupações frente a medidas que não afetam, gravemente e sem retorno, o futuro do País. Solicitamos, por isso, com respeito e confiança, à Presidência da República a *suspensão do edital de privatização da Vale*, a fim de que a Nação disponha de tempo suficiente e de condições indispensáveis para analisar adequadamente a questão e decidir de acordo com o bem comum.

Com efeito, a CVRD constitui enorme patrimônio econômico, científico e cultural que pertence ao povo, honra o Brasil, e merece, portanto, tratamento diferenciado.

Elencamos as principais *exigências éticas* com referência à privatização da Companhia Vale do Rio Doce, bem como alguns argumentos que demonstram, com evidência, a necessidade de excuí-la do atual programa governamental de privatização.

1º Pertence ao Legislativo, com a participação da sociedade organizada, e não ao Executivo, determina a natureza e o chamado “tamanho” do Estado e conseqüentemente, o âmbito das privatizações a serem realizadas.

2º A decisão sobre a concessão de lavra do solo e

Argumentos prós e contra a privatização revelam a necessidade de um debate amplo e democrático



subsolo nacional, pela importância que tem para a economia, soberania e contencioso estratégico do País, não pode deixar de ser colocada em discussão nos meios técnicos e científicos e apreciada e explicitamente aprovada pelo Congresso Nacional. Na verdade, o setor de extração e exploração de minérios no Brasil representa, hoje, comparado com os outros setores econômicos, o preponderante esteio do desenvolvimento nacional. A CVRD é a instituição que melhor conhece o potencial da Amazônia. As reservas minerais são esgotáveis e devem ser exploradas de modo a não causar dano para o futuro científico, econômico, ecológico e estratégico do País. A privatização, uma vez aberta ao capital e às ingerências de grupos estrangeiros, terá como conseqüência a perda de decisão nacional sobre nossas riquezas minerais e, portanto, as inevitáveis restrições à nossa soberania,

impedindo que as opções para o desenvolvimento do País sejam feitas pelos próprios brasileiros.

3º A terceira exigência ética é a de que sejam asseguradas a exatidão e a transparência de informação. Os dados, largamente divulgados, não de permitir o amplo debate e a participação da sociedade nas decisões que obrigatoriamente lhe dizem respeito. Não tem havido, até o momento, divulgação completa e aceita do potencial das jazidas cuja lavra é concedida à CVRD. Além disso as recentes descobertas não foram avaliadas. Torna-se, assim, quase impossível calcular, com objetividade, o valor dos minérios, do sistema operacional, das possibilidades de pesquisas científicas e dos rendimentos futuros da CVRD. Diante desta situação, não é justo manter em vigor o edital publicado pelo Governo.

4º Pertence ainda às exigências éticas garantir as condições de participação que a lei facultava à sociedade em relação a medidas governamentais. Como explica a recente medida provisória impedindo os tribunais locais de acolher pedidos de liminar arguindo a inconstitucionalidade da privatização da CVRD?

Verifica-se o contraste entre estas exigências éticas e a firme posição governamental que restringe a participação do Congresso e da sociedade organizada, prejudicando e precipitando, assim, a decisão sobre a privatização da CVRD. Uma ampla discussão permitirá ponderar
 (continua na página 17)

Purgatório e oração pelos falecidos

Isidoro de Nadai



Uma das maiores implicações dos “evangélicos” é com o Purgatório e com a oração pelos falecidos. Alegam que essas verdades e práticas não constam na Bíblia.

Como se vê, a implicância nasce do fato de eles não admitirem a verdade bíblica da Tradição. Persistem e insistem no erro de que fora da Bíblia não existe nenhuma verdade, quando a própria Bíblia garante que a Revelação Divina é transmitida de duas maneiras complementares, ou seja, pela Sagrada Escritura e pela Tradição Apostólica, que a Igreja vem vivendo e anunciando desde os tempos de Cristo e dos Apóstolos.

Não deixe de rever os textos bíblicos que o artigo passado trouxe, *A Bíblia é fruto da Tradição*, AM 4 (abril): At 2,42-45; II Is 2,15; I Cor 10,16-17; Jo 20,30.

Ora, a Tradição Apostólica, que Lutero e os protestantes interromperam nas suas igrejas, mas que a Igreja Católica vem conservando e transmitindo, com a assistência do Espírito Santo, prometida a ela por Jesus (Jo 16,13), sempre ensinou e viveu a verdade do Purgatório e das orações pelos mortos. Mesmo, pois, que não houvesse nenhuma passagem da Escritura Sagrada que fale das orações pelos mortos e, por conseguinte, do Purgatório, nós devemos aceitar essas verdades por

serem transmitidas pela Tradição oral dos Apóstolos e da Igreja de todos os tempos. Acontece que o ensinamento contínuo, ininterrupto, da Igreja não se baseia unicamente na Tradição, que já seria suficiente. Há uma passagem bíblica claríssima sobre o valor da oração pelos mortos, além de outras menos claras, embora convincentes também. Essa passagem se encontra no segundo II Livro dos Macabeus.

Vamos lê-la com atenção, pois é Palavra de Deus. Diz assim: “*O nobre Judas exortou a multidão a evitar o pecado, vendo o mal que havia sucedido aos que foram mortos por causa dele. Em seguida, fez uma coleta, enviando a Jerusalém perto de dez mil dracmas, para que se oferecesse um sacrifício pelos pecados. Belo e santo modo de agir, decorrente de sua fé na ressurreição, porque se ele não julgasse que os mortos haverão de ressuscitar, teria sido inútil e supérfluo rezar por eles. Mas, como ele acreditava que uma bela recompensa espera os que morrem piedosamente, era isto um pensamento religioso e bom. Eis porque ele pediu um sacrifício de purificação, para que os mortos fossem livres de suas faltas*” (II Mc 12, 42-46).

Diante de palavras tão límpidas, seria possível a alguém que, de fato, creia na Palavra de Deus, negar o valor e a necessidade de

se orar pelos nossos falecidos?

Ora, o dogma da existência do Purgatório ensina exatamente isso, ou seja, que pelos merecimentos de Cristo, aplicados pela Igreja, através das orações e sacrifícios dos seus fiéis, Deus purifica, na morte e mesmo depois dela, as faltas e as marcas dos pecados dos que partem desta terra.

Logo, a verdade do Purgatório é totalmente bíblica.

Se alguém, pois, vier perturbá-lo em relação a essas verdades, peça-lhe que leia o livro dos Macabeus e que consulte a história do Cristianismo, desde Jesus Cristo e dos Apóstolos, e não se restrinja à história inventada por Lutero, 1490 anos depois de Cristo. Assim que o tenha feito, que venha humildemente dialogar com você e, juntos, esclarecer qualquer dúvida. Antes disso, não, pois você é que está com a Palavra de Deus, tanto a escrita, como a transmitida oralmente pelos Apóstolos e pela Igreja de todos os tempos.

Afinal, a gente precisa respeitar a religião dos outros, mas não é cabível que a gente permita que eles desrespeitem, não tanto a nós, como a Palavra de Deus e a Igreja única de Jesus Cristo!...

Isidoro de Nadai é sacerdote, missionário claretiano.

A atração de Deus

“Ninguém vem a mim se o Pai não o atrair” (Jo 6,44)

Geraldo Araújo Lima

Um etíope, eunuco, alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia, fora a Jerusalém para participar da celebração da Páscoa (cf. At 8,27).

A Etiópia fica ao sul do Egito. Para chegar à Palestina, ele teve que atravessar o Sudão, o Egito, a Península do Sinai e o Deserto de Neguev. Uma longa caminhada esse etíope empreendeu, fazendo todo esse esforço para chegar ao templo e adorar a Deus.

Esse episódio chama a atenção: um etíope, portanto, um não-judeu, gozando de alto *status* (era tesoureiro-mor), atravessar várias regiões para participar da Páscoa! Quantos de nós, às vezes, não atravessamos nem a rua para fazer a Páscoa?

Cristo disse: *“Ninguém vem a mim se o Pai não o atrair”* (Jo 6,44). Esse etíope pode até nem ter percebido essa atração, mas dentro dele havia uma sede que o fez atravessar todo o deserto e ir adorar em Jerusalém.

Esse gesto dele já significa muito; todavia o etíope surpreendeu mais: chega a Jerusalém e compra os vários rolos que compõem a Bíblia.

Hoje é muito fácil comprar um livro e carregá-lo debaixo do braço, inclusive a própria Bíblia. Mas na época do etíope, a escrita era feita em pergaminho (pele de carneiro curtida), e o livro era em forma de rolos. A Bíblia correspondia a aproximadamente vinte rolos de pergaminho.

**Um etíope, portanto, um não-judeu,
gozando de alto *status* (era tesoureiro-mor),
atravessa várias regiões para participar da Páscoa!
Quantos de nós, às vezes, não atravessamos
nem a rua para fazer a Páscoa?
A Etiópia fica ao sul do Egito.
Para chegar à Palestina, ele teve que
atravessar o Sudão, o Egito,
a Península do Sinai e o Deserto de Neguev.**

Além disso, havia a dificuldade de aquisição, pois a tipografia é um recurso que existe há pouco mais de 500 anos, e esse episódio do etíope ocorreu há dois mil anos. Nasquelas condições o livro teria que ser encomendado a um escriba profissional, que cuidaria da escrita e do desenho à mão. Uma verdadeira obra de arte!

Foi isto que o etíope fez em Jerusalém: aproveitou a oportunidade e comprou os muitos rolos da Bíblia. Quanta boa vontade desse homem!

Ele está voltando de Jerusalém; já fez a Páscoa. Atravessa o deserto, descendo de Jerusalém para Gaza. A região é montanhosa, acidentada, árida, sem estrada asfaltada. Vai numa carroça puxada a cavalo, apesar daquela claridade estonteante do sol do deserto, e daquele trepidação da carroça, lê o livro do Profeta Isaías.

Que desafio! Ele, um não-judeu, estava lendo o hebraico! E ainda

mais lia numa carroça em movimento, andando por cima de pedras, enfrentando poeira... Evidentemente, há uma atração; algo de forte o puxou para Jerusalém, mas isso aí foi apenas um “trampolim”. Sua atração era para Deus!

O etíope não possuía base para ler e entender o Profeta Isaías, mas o Evangelho diz que *“todos serão ensinados por Deus”* (Jo 6, 45). Diante de uma disposição desta, do sacrifício e de uma boa vontade tão evidente, será que Deus não vai ensiná-lo a entender a Bíblia? Claro que sim! Deus usa pessoas ou acontecimentos para isso!

O diácono Filipe estava pregando na Samaria quando um anjo lhe disse: *“Levanta-te e vai para o sul, em direção do caminho que desce de Jerusalém para Gaza...”* (At 8,26).

Filipe agora está na estrada, e avista a carroça do etíope que vai se aproximando. O Espírito Santo

inspirou Filipe para que se chegasse àquela carroça; então percebeu que o etíope estava lendo em voz alta (para não se distrair) o cap. 53 do Profeta Isaías. Filipe escuta e pergunta: “*Você está entendendo o que está lendo?*” (At 8,30). A essa indagação impertinente, o outro poderia ter respondido: “Moço, eu sou o tesoureiro-mor da Rainha Candace da Etiópia. O senhor acha, por acaso, que a rainha iria colocar nesse posto alguém que não sabe ler ou que não entende o que está lendo? Sabe com quem está falando?”

Ele poderia ter respondido assim, mas não o fez. Agiu da maneira como todo cristão deve agir. Perguntou: “*Como é que eu posso entender, se alguém não me explica?*” (At 8, 31).

Quantas pessoas passaram por nós e que, direta ou indiretamente, já nos explicaram alguma coisa da Bíblia! “Plicar” é dobrar; “explicar” é desdobrar...As pessoas terminam

desdobrando para nós alguma coisa que estava “dobrada” na Bíblia.

Baseado na pergunta de Filipe, o etíope convida-o a subir na carroça. Era isto que Cristo queria! Agora os dois estão sentados com os olhos voltados para o Profeta Isaías. O etíope lê o seguinte trecho: “*Como ovelha foi levado ao matadouro; e como cordeiro, mudo ante aquele que o tosquia, assim ele não abriu a boca. Na sua humilhação foi-lhe tirado o julgamento. E a sua geração, quem é que vai narrá-la? Porque a sua vida foi eliminada da terra*” (At 8, 32-33).

Concluída a leitura desse trecho, o etíope pede a Filipe: “*Por favor, a quem o profeta está se referindo? Quem é essa pessoa que vai ser levada ao matadouro, que permanece muda diante de quem a tosquia, de quem a ultraja? Que pessoa é essa em cuja humilhação lhe foi negada a justiça num processo injusto, e cuja*

vida foi eliminada da face da terra? O profeta se refere a ele próprio ou a outro?” (cf. At 8, 34).

Sem se deixar enredar em teorias e hipóteses, Filipe foi direto ao assunto; findou por anunciar-lhe Jesus: “*O profeta se refere a Jesus Cristo*” (cf. At 8, 35). Imediatamente o etíope aceitou, convicto, a explanação.

Continuando a caminhada, chegaram mais adiante à única fonte existente entre Jerusalém e Gaza. O etíope avista-a e diz: “*Água!*” (At 8, 36). Ora, ele sabia que existia aquela fonte e gritou com essa vibração toda não porque estivesse morrendo de sede, pois disse: “*O que me impede de ser batizado?*” Filipe respondeu: “*Se você crê em Jesus Cristo, pode ser batizado*”. Então, o etíope falou: “*Eu creio*” (cf. At 8,37 com anota explicativa da Bíblia de Jerusalém).

O etíope foi batizado ali naquela fonte, que hoje tem o nome de “Fonte do Etíope” e se conserva como ponto turístico. Foi um batismo diferente; sem nenhuma foto, padrinhos, ou registro; mas talvez o batismo mais espontâneo, mais bonito de toda a história bíblica.

Tão logo o etíope foi batizado, o Espírito Santo fez com que Filipe desaparecesse do seu caminho. Porém o ministro não ficou com saudades, não ficou lamentando a ausência do “professor”; prosseguiu sua viagem com alegria.

Vai enfrentar todas as dificuldades do caminho até chegar à Etiópia; mas vai cheio de alegria, porque dentro dele há uma novidade: a novidade cristã! ■



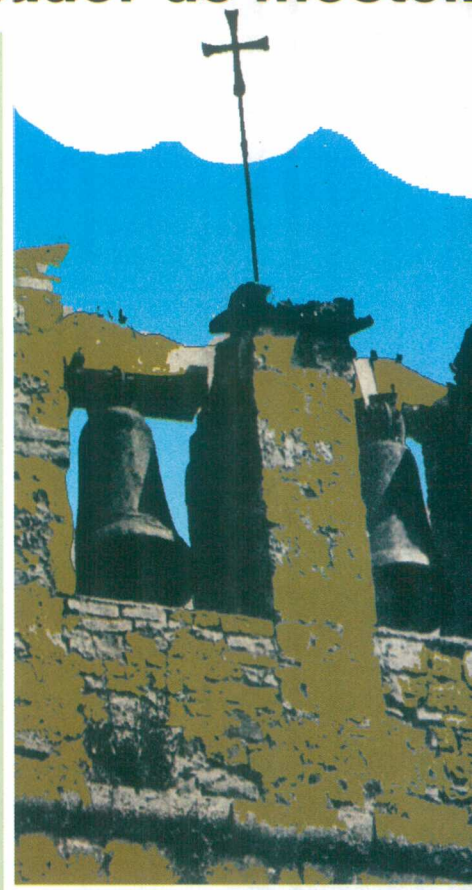
Geraldo de Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, em Roma e Prior do Convento dos Frades Carmelitas em Piedade, Jaboatão do Guararapes, PE.

São Pacômio, monge e fundador de mosteiros

O século IV marca a grande reviravolta na vida do Cristianismo; tida até então como religião ilícita, a partir do Edito de Milão, 313, passa a ser uma religião livre, até se tornar religião oficial do Império Romano no final do século. Nos grandes centros o Cristianismo conseguira seu espaço, mas no Egito, Arábia, Síria e outras regiões, crescia cada vez mais o *anacoretismo*: estilo de vida levado por homens e mulheres, que se retiravam do convívio social e urbano e se dirigiam para o deserto para servir a Deus e lutar contra as forças demoníacas, numa vida de pobreza e renúncias. Viviam sozinhos com a direção e ajuda esporádica de algum mestre ou mestra mais preparados. Porém, aos poucos vai surgindo uma nova forma de vida no deserto, o *cenobitismo* (vida comum) homens

e mulheres que passam a viver o ideal cristão em comunidade, uns colaborando com os outros no processo de santificação. Pacômio foi o primeiro a organizar este estilo de vida comum.

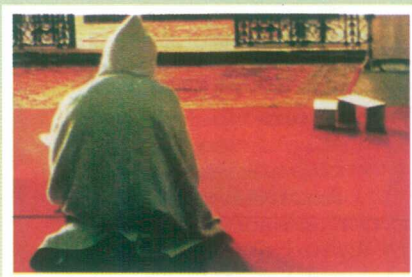
Pacômio nasceu no Egito, filho de pais pagãos, conheceu o Cristianismo quando já tinha mais de vinte anos. Em 310-311 foi preso, enquanto prestava o serviço militar, na cidade de Lucsor. “Os cristãos da vizinhança daquela cidade visitavam os prisioneiros para lhes dar alimentos e bebidas. Pacômio, quis saber quem eram aqueles que os tratavam tão amavelmente. Soube que eram cristãos e que eram gente compassiva e misericordiosa para com os etrangeiros e para com todas as pessoas... Retirando-se a um canto da prisão, Pacômio rezou assim: “Ó Deus, se me ajudas a sair desta



José Benedito Cottolengo, fundador de congregação

Primogênito de uma família italiana do Piemonte, educado no meio católico, se destacou nos estudos teológicos. Era sensível às agruras do povo simples e camponeses, aos poucos vai se incomodando e não consegue ficar parado, indiferente e omissivo. “Em Corneliano de Alba celebrava a missa às três horas da madrugada para que os camponeses pudessem ouvi-la antes de ir aos campos de trabalho: *A colheita será melhor com a bênção de Deus, dizia-lhes*”.

“Em Turim, após ter assistido impotente à morte de uma mulher, cercada por seus filhinhos chorosos,



à qual tinham sido negados os cuidados hospitalares pela sua extrema pobreza, vendeu o pouco que possuía, inclusive o manto, alugou alguns quartos e deu início à sua obra benéfica, oferecendo asilo gratuito a uma velhinha parálitica, abrindo assim, em 1828, a que ficou

conhecida como a “pequena casa”, confiando totalmente na Divina Providência... (Conf.: Sgarbossa M. - Giovannini L., *Um Santo para cada dia*, Paulus, 1983, p. 141).

Em 1832, fundou em Valdocco a “Pequenina Casa da Divina Providência” que depois se expandiu a outras regiões e países, sempre atendendo pobres, enfermos e deficientes. Fundou uma instituição à qual “no princípio, deu o nome de Congregação dos Sacerdotes Seculares da Santíssima Trindade, servos dos pobres”. A finalidade desta sociedade é, nas palavras do próprio fundador, “trabalhar no meio

s (290-346) — 9 de maio

tribulação, cumprirei tua vontade todos os dias de minha vida amando aos homens e os servirei segundo teu mandamento.” (Conf.: Gomez J. A., *Historia de la Vida Religiosa I, Vol I, Publicaciones Claretianas, Madrid 1987, p. 223*).

Libertado tempos depois, pediu o batismo e se retirou para a solidão, desejando ser monge. Com o decorrer do tempo junta-se a ele seu irmão João e, posteriormente, atendendo à iluminação divina, aceita um grupo sempre maior de monges e organiza o grupo num estilo de vida comunitária.

O primeiro mosteiro de Tabenese, na margem oriental do rio Nilo se torna pequeno. São fundados novos mosteiros, e serão nove quando morreu São Pacômio por causa de uma epidemia que assolou a região e os mosteiros.

ações (1786 -1842) 5 de maio

dos pobres e sacrificar, pelo seu bem, os bens, a liberdade, o descanso e a vida.” (Conf.: Gomez J.A., *História de la Vida Religiosa. Vol III, Publicaciones Claretianas. Madrid, 1990, p. 386*). Fundou também, a Congregação de Irmãs e outra de Irmãos, popularmente chamados de Cottolenguinas e Cottolenguinos. Cottolengo foi canonizado em 1933 por Pio XI, que lhe chamou “o gênio da bondade”.

Hoje, presenciamos o descaso que os pobres, doentes e deficientes sofrem em nossa sociedade consumista e discriminatória. São José Benedito Cottolengo é modelo de :

Atualmente, as pessoas se isolam cada vez mais e procuram a própria sobrevivência sem se preocupar com os outros; e a Igreja precisa de pessoas corajosas e inovadoras como Pacômio que é modelo de:

- homem sensível que se entrega aos apelos da graça divina;
- homem que descobre o caminho da salvação e quer torná-lo comunal e partilha com os outros;
- mestre que, após viver uma experiência profunda de Deus, introduz os seus discípulos no conhecimento das verdades divinas;
- líder espiritual capaz de organizar e estruturar a sua comunidade com bases sólidas, consistentes e verdadeiras.

Na Igreja surgirão ordens, institutos e sociedades de vida apostólica, muitas de espírito estritamente missionário, outras estritamente caritativo-sociais. ■

- seguidor do Cristo pobre, servidor e atento à dor dos mais pobres, doentes e desfavorecidos do mundo;
- atento aos sinais dos tempos e capaz de trabalho e doação que gera união, solidariedade e comunalidade;
- capacidade de agregar na caridade e solidariedade pessoas de boa vontade que estão dispostas a trabalhar, mas não conseguem vislumbrar caminhos e soluções.

São Cottolengo, protege e roga a Deus pelos pobres e doentes! ■

Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário Claretiano, professor de História da Igreja.

(continuação da página 12)

rar, com serenidade, as razões aduzidas a favor ou contra a privatização e dará ocasião para analisar as falhas da CVRD. Os aperfeiçoamentos a serem introduzidos na CVRD, poderão ser igualmente alcançados conservando sua condição de empresa estatal e apoiando-se na atitude corresponsável que caracteriza seus funcionários.

Além dos questionamentos feitos, não podemos deixar de acrescentar as sérias dúvidas levantadas em relação ao processo de avaliação da CVRD.

O juízo global sobre esta questão deve considerar também que a política indiscriminada de privatizações agrava os efeitos negativos do modelo neoliberal: o aumento do desemprego, a disparidade maior entre ricos e pobres, a miséria dos excluídos, a conseqüente violência que assola a sociedade. O mercado e o lucro não podem ser o principal critério das decisões de política econômica e, sim, a dignidade da pessoa humana e a promoção dos direitos civis, políticos e sociais que daí derivam.

Renovamos, portanto, o **apelo aos nossos governantes** a fim de que atendam as expectativas de notável parte de nossa sociedade, incluindo cientistas, juristas, políticos e lideranças populares, empresários e sindicatos, aos quais associamos a nossa voz. Solicitamos aos responsáveis pelos Meios de Comunicação que, conscientes de sua missão de informar com isenção à opinião pública, divulguem os diversos posicionamentos sobre a CVRD.

Peçamos a Deus que nos ajude, Governo e povo de nosso País, a encontrar os melhores caminhos para a construção de uma sociedade justa e solidária.”

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — Itaiç, SP, 16.04.97.

Nossa Senhora da Árvore

Roque Vicente Beraldi

Esta seção relata as maneiras como a devoção popular honra a Mãe de Deus, demonstrando sua gratidão pelas graças atribuídas a ela. Neste número Maria é chamada de Nossa Senhora da Árvore.

No departamento francês da Alta Sabóia, havia uma vila chamada Chanonat. Esse aglomerado de casas foi elevado à categoria de cidade com o nome de Chamonix, chegando aproximadamente a três mil habitantes no começo do século XX. Localizava-se perto do Monte Branco, no Vale do Arve. São famosas suas geleiras.

Origem da devoção

Narra a tradição que próximo àquela cidade, num local ameno e ornado de frondosas árvores, havia uma celas, até bem nova, que apresentava certa cavidade. Nesse nicho, feito pela natureza, fora encontrada uma pequena, mas bela imagem de Nossa Senhora, sem que houvesse uma explicação de como ela foi parar ali.

O povo, simples, sempre ávido do sobrenatural, o que não deixa de ser uma demonstração viva da chamada, hoje, saudade de Deus, logo baixou a imagem da Mãe de Jesus, com o sugestivo título de Nossa Senhora da Árvore.

Por muitos anos a efígie de Maria, permaneceu ali mesmo, onde foi encontrada, até que seus devotos resolveram construir uma capela para melhor proteger o seu tesouro espiritual. Era, também, como agradecimento pelos favores que já



podiam ser contados às centenas. Em 1703, em lugar da simples ermida, ergueu-se um santuário onde se abriga a linda imagem.

Romarias

Não faltaram as visitas periódicas, principalmente no último domingo do mês de setembro.

Podemos imaginar o calor piedoso das pessoas humildes que confiantes se dirigem a Deus por meio da Mãe Imaculada, que não cessa de se desdobrar pelo bem espiritual da humanidade.

São Bernardo, na oração a ele atribuída, "Lembraí-vos ó piéssima Virgem Maria", nos autoriza acreditar "que jamais se ouiu dizer, que a'guni daqueles que têm recorrido" à proteção de Maria, "imploração sua assistência e reclamado o seu auxílio, tenha sido

por ela desamparado". Também os devotos de Nossa Senhora da Árvore tiveram a mesma felicidade.

Lição de amor

O que mais falta a Maria fazer para atrair nossa confiança? Cheios de gratidão seja nossa resposta imitar o cantor da Virgem celeste, o Abade de Claraval que nos entusiasma; "animado, eu com igual confiança, a Vós recorro, ó Virgem sem igual, e como Mãe me acolho, gerando sob o peso dos meus pecados, me prostro aos vossos pés".

Oração a Nossa Senhora da Árvore

Virgem benigna, Santa Mãe de Deus, que justamente sois comparada à árvore sagrada que nos trouxe o fruto da salvação, Jesus, o Redentor, bendito fruto de vosso ventre. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que vos peço. Ó clemente, ó piedosa ó doce sempre Virgem Maria. Amém.

Nossa Senhora da Árvore, rogai por nós!

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

4 Leia a história e copie as palavras que têm ss:



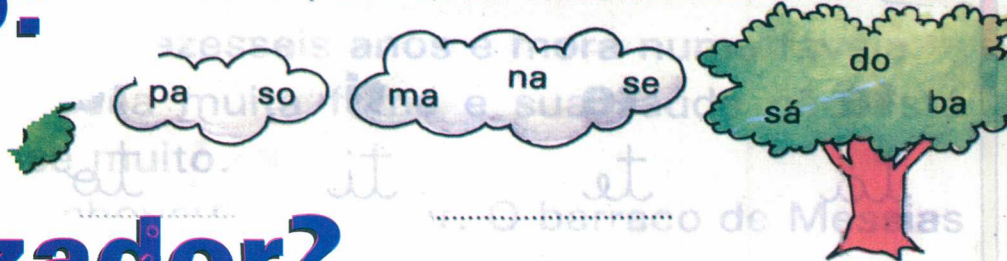
O livro didático: quanto humanizador?

Francisco Gomes de Matos

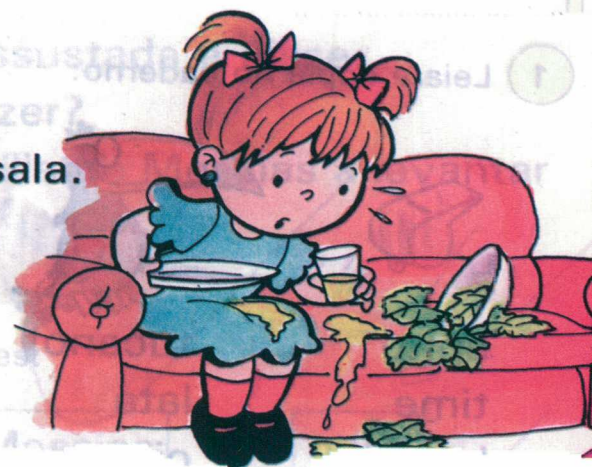
A relevância do livro didático

Se, por um lado, os seres humanos constituem o componente central no processo educacional, lugar destacado ocupa o livro didático na atividade de construir conhecimentos e de solucionar problemas. Embora só identificado formalmente como livro texto a partir de meados do século XVIII (em inglês: *textbook*), o livro escolar tem, à medida do possível, acompanhado a evolução das idéias pedagógicas, continuando, assim, a contribuir para o que mais abrangentemente chamaríamos de *educação em múltiplas literacias* (cultural, científica, matemática, pragmática, televisiva, visual, para exemplificar algumas). Avanços notáveis em informática na educação vêm influenciando nos modos de fazer material didático e, longe de constituírem uma ameaça ao livro didático — como ingenuamente, pensam alguns — motivam trans-

...ores há palavras escondidas. Vamos descobrir



...nia comeu na sala.
...no sofá.
...ju caiu e sujou
Sujei a saia e o



...formações conceituais e gráficas em maior benefício dos professores e alunos usuários dessas criações.

Por um novo conceito para livro didático

O exame de algumas das concepções de livro didático revela que estamos caminhando de uma perspectiva mais restrita para uma percepção bem mais aprofundada de livro didático. Assim, comparemos estas definições:

Livro didático

- livro adotado para estudo formal de uma disciplina.
- objeto auxiliar do professor no processo educativo.

- um padrão, com base no qual se promove o ensino-aprendizagem.

- um recurso-chave de natureza informativa e formativa.

- contribuição de autor(es) à construção de literacias por aprendizes.

- criação interdisciplinar humanizadora para uso de co-aprendizes (professores e alunos)

Ao considerarmos o livro didático uma *criação humanizadora*, levamos em conta princípios da *Pedagogia da Positividade*, explicitados e desenvolvidos em nosso livro (Recife, Editora da UFPE, 1996). Ei-los, em síntese:

- Todos têm direito a uma vida construtiva.
- Todos têm (deveriam ter...)

direito a uma educação construtiva.

• Todos os educandos têm direito a usar livros didáticos construtivos.

Ao propormos uma humanização, através do livro didático, inspiramo-nos nas tradições dos *Direitos Humanos*, da *Paz Comunicativa* e no Supremo Ensino Cristão do *Amor ao Próximo*. Livros escolares que ajudem ao aprendiz como pessoa, ser comunitário, cidadão nacional, ser planetário. Essa humanização — estar imbuído dos referidos direitos e saber pô-los em prática — dá continuidade ao movimento humanístico, fazendo dos criadores de livros didáticos verdadeiros humanizadores, empenhados em ajudar na formação de pessoas com direitos e responsabilidades.

A positividade de livros didáticos: perguntas-chave

Avaliar um livro positivamente pressupõe identificar, primeiramente, os aspectos, as características, os traços positivos (construtivos, dignificantes) e, só então, focalizar aspectos questionáveis. Esse *perceber primeiro o que há de positivo* constitui um enorme desafio para aquelas pessoas acostumadas a só apontar falhas, imperfeições, lacunas, omissões, inadequações, como se em o fazendo estivesse exercendo com dignidade o ofício de avaliador! Avaliar bem é avaliar para o bem (no caso, tanto dos autores quanto dos usuários das criações destes).

A lista seguinte é apenas ilustrativa, cabendo aos leitores complementarem as indagações com itens mais pertinentes à sua área de interesse ou responsabilidade profissional. **(Veja tabela ao lado)**

No século XXI, a atividade de avaliar livro didático — e outros componentes do processo de ensino-aprendizagem — será predominantemente humanizadora, interdisciplinar, compartilhada por pessoas com ligações as mais diversas ao sistema educacional: especialistas em avaliação, autores, professores, alunos, editores, livreiros, pais, consultores em comunicação gráfica e visual...

Um dia, em um futuro próximo, o livro didático será avaliado como a busca da *positividade* em um tipo complexo, atraente, indispensável de

criação humana. Do mesmo modo que *criar livro didático bem é criar livro para o bem*, avaliar livro didático bem é avaliá-lo com base em valores qualitativos, dignificantes das relações entre pessoas e entre nós e todos os seres na Natureza. Só assim, seremos merecedores da designação de *humanizadores*. ■

Francisco Gomes de Matos é professor de Lingüística no Departamento de Letras, UFPE, Recife e ex-professor na PUC-SP.

**Antes de fazer suas perguntas, pergunte-se:
Considero os autores como colegas que compartilham do esforço de construção da cultura educacional, científica, artística ou espiritual (ética, moral, etc.) de nosso país?**

1. Quão sistematicamente estão dispostas as idéias, os conceitos-chave no livro?
2. Quão logicamente estão relacionados os conceitos-chave?
3. Quão construtivos (edificantes, dignificantes) são os conceitos-chave, para o bem pessoal, interpessoal, comunitário?
4. Quão adequadamente estão pressupostos conhecimentos prévios dos usuários do livro?
5. Quão transparentemente estão apresentados os textos, os quadros, as tabelas, as ilustrações? Pensou-se primeiro no Direito de Compreender, a ser assegurado aos leitores?
6. Quão atualizadas são as idéias, os conteúdos apresentados?
7. Quão exatos são os dados estatísticos fornecidos?
8. Quão variados são os tipos de atividades (exercícios) propostos, para respeitar-se diferenças cognitivas individuais e assegurar-se também aos alunos o *direito de escolher* (dentre problemas a resolver).
9. Quão humanizadora é a comunicação dos autores com os usuários do livro? (Quão construtivamente são tratados os professores e os alunos? (Veja-se Apresentação, Prefácio, etc. em livros para o aluno e em manuais para professores).
10. Quão interdisciplinar foi a criação do livro didático examinado? Que *insights* de que áreas do saber e saber-fazer foram inspirados para a produção da obra?

Intervenções orientadas

(Continuação do artigo da revista passada, AM 4)

Donald Lazo

Se as pessoas que cercam o alcoólatra decidirem agir e não aguardar que o alcoólatra tome suas próprias providências, na maioria dos casos, será possível evitar anos de sofrimento, destruição e até uma morte prematura.

Os cônjuges e outros membros da família que conseguem ajuda para recuperar sua própria saúde mental, muitas vezes precipitam crises para o alcoólatra sem sequer se dar conta disso. Além do fato de não mais resgatá-lo das crises que ele causa, suas novas atitudes e comportamentos pressionam o alcoólatra ainda mais. Os alcoólatras que conseguiram abandonar a bebida contam, que o desligamento emocional da família do seu beber foi o que os levou a decidir procurar ajuda. Sentiram-se tão ameaçados pela perda de controle ou possível abandono implícito no desligamento, que seu próprio medo lhes permitiu perceber a sua realidade com suficiente clareza para sentir a necessidade de procurar tratamento. Outros alcoólatras, se sentiram ameaçados porque suas famílias estavam vivendo vidas plenas e eles não agüentaram a sensação de ser excluídos.

Quando um alcoólatra se recupera porque sua família decidiu procurar ajuda, é provavelmente devido a uma combinação de muitas mudanças de comportamento e atitude por parte da família que finalmente permitiu que o alcoólatra recebesse a mensagem da realidade. Sejam quais forem as razões, inú-

É perigoso aguardar que o alcoólatra tome suas próprias providências, pois ele é mais capaz de morrer do que se render diante de suas crises. E mesmo que acabe se rendendo, pode ser tarde demais para que o tratamento surta efeito.

meros alcoólatras estão se recuperando simplesmente porque os membros de suas famílias começaram, eles mesmos, a se tratar e se recuperar.

Além de permitir que o alcoólatra experimente as crises que ele cria, outro caminho seria precipitar-lhe novas crises. Uma nova crise, que ele não criou mas que é resultado de todas que criou, pode encostar o alcoólatra numa parede que tem apenas uma porta e essa porta leva ao tratamento. Algumas famílias optam por confrontar o alcoólatra diretamente com os fatos de sua condição, indicando assim sua necessidade de tratamento e o desejo deles que ele o procure.

Uma tal intervenção hábil requer conhecimento da doença e alguma estabilidade emocional por parte dos familiares. Também requer uma apresentação dos fatos a respeito do beber do alcoólatra que seja concreto e específico. As generalizações não servem numa intervenção; o alcoólatra saberá contorná-las

facilmente. Os julgamentos e as opiniões também funcionarão; o alcoólatra iludido não está preocupado com o que você pensa. Ele tem suas próprias opiniões que considera mais válidas que a sua. E se sentir que está sendo julgado, se tornará defensivo e ainda menos receptivo ao que você tem a dizer.

Se o alcoólatra escutar durante a intervenção, serão os fatos apresentados que chamarão a sua atenção. Quanto mais atento, mais ampla será a visão de si e melhores as chances de quebrar sua armadura de negação. Se o alcoólatra escutar os fatos, será porque ele sente que as pessoas que o estão confrontando se preocupam sinceramente com ele — mesmo que estejam dizendo coisas que doem — só estão fazendo por amor e preocupação e não por raiva ou maldade. Ao escutar os fatos, será porque não sente que sua dignidade de ser humano, e sim os atos que cometera, estão sendo atacados. Quando os atos específicos, e não seu ser, são criticados, a atitude da intervenção é eficiente — “Embora nos sintamos tristes e não gostamos de determinadas ações suas, amamos você”. É sob estas condições que o alcoólatra será mais receptivo à mensagem da realidade de sua condição. ■

(Resumo do livro “The Booze Battle” by Ruth Maxwell)

Donald Lazo: maiores informações sobre Dependência Alcoólica ou outra Dependência Química (011) 229.7523.

Sua riqueza

Maria Olímpia de Moura Leite

Todos nós trazemos internamente uma força infinita; o que acontece, muitas vezes, é que nem sempre acreditamos efetivamente nisto, e, assim sendo, desprezamos essa maravilha que nos foi dada de graça.

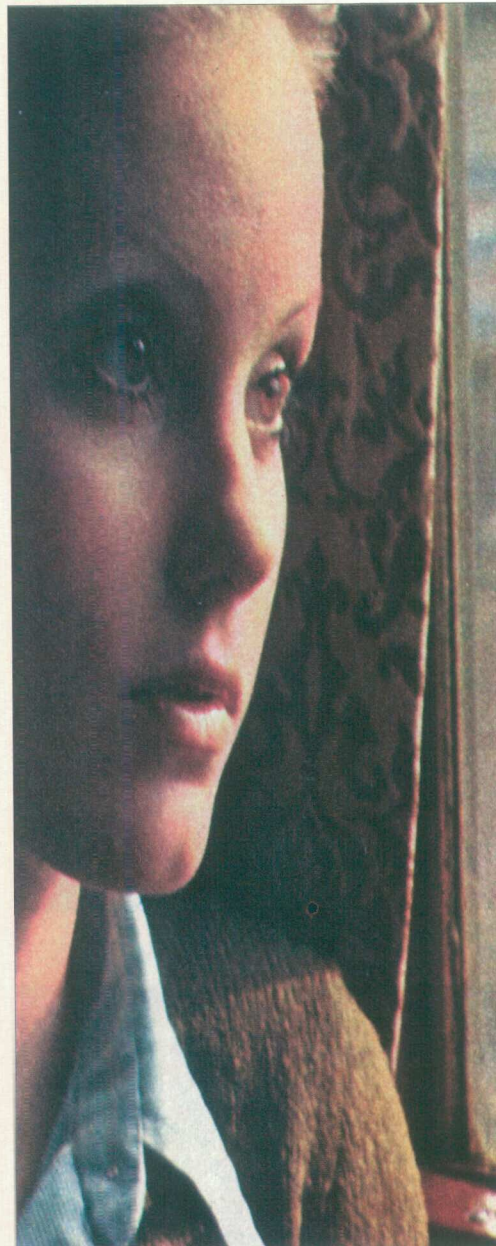
Para que você possa reconhecer esta força interna é necessário acumular boas ações, pois se não praticar boas ações, por mais que se esforce, esta riqueza interior não desperta. Podemos comparar isso a uma bomba de água instalada em um poço: se não é ligada, a água existe, mas não vem à superfície, ou se não é usada, enferruja e não aspira a água.

Todo ser tem sempre algo para dar, para compartilhar, para deixar esta força infinita aparecer em sua vida, e aquele que julga não ter a dar, está equivocado. Ser pobre é não ter acumulado boas ações durante a vida, portanto, antes de mais nada, comece a pensar no que tem para dar ao outro, em gestos, palavras, ações, e verá que sempre terá algo para oferecer.

É importante sentir gratidão pela força infinita que já possui e sintonizar-se com ela.

É muito comum sintonizar a mente com o que nos falta "falta isso, falta aquilo" ou "é difícil isso, é difícil aquilo" e assim atrair estas carências. É comum, também, a pessoa pensar "eu sou pobre" e se sentir pobre e falar de sua pobreza e assim jamais sair desta condição. Quero dizer que não devemos nos acomodar, quero dizer que

Ser pobre é não ter acumulado boas ações durante a vida, portanto, antes de mais nada, comece a pensar no que tem para dar ao outro, em gestos, palavras, ações, e verá que sempre terá algo para oferecer.



devemos, sim, perceber as coisas boas que possuímos e agradecer por elas, desperdiçando a força infinita que temos e que muitas vezes não valorizamos, ou até mesmo desprezamos.

O "dar" funciona como uma força motriz para atrair a riqueza, que é a circulação das boas ações que viemos acumulando. Aqui me refiro ao dar amor, dar atenção, dar proteção, pois dar nem sempre significa dar coisas materiais.

Dar amor, faz abrir o canal da fonte infinita provocando a circulação dessa força infinita, que quanto mais se dá, mais aumenta o que é dado. Dê afeto, atenção e você aumenta isso em você mesmo.

Em resumo, a riqueza é algo vivo, é a concretização do amor, da sabedoria e da vida e para viver com abundância esses elementos são fundamentais. ■

Maria Olímpia de Moura Leite é Psicóloga Clínica e Educacional, Telefone: (011) 574-7144.

RECEITAS COM MAIS CALORIAS

(especialidade para o mês de maio: sanduíches)

Entrada

Sanduíche italiano (1 porção)

Ingredientes

1 Pão francês
 2 fatias de queijo prato
 2 fatias de queijo provolone
 2 fatias de salame milano
 2 fatias de pepenoni
 1 fatia grande de mortadela
 alface picadinha
 cebola picada
 pimentão vermelho em tirinhas
 2 rodelas de tomate
 2 azeitonas pretas sem caroços
 Vinagre, sal e pimenta-do-reino para temperar



Modo de preparar

1. Abra o pão e coloque 1 fatia de queijo prato em cada lado do pão.
2. Num dos lados coloque as rodelas de tomate, o alface e o pimentão.
3. Corte os frios em tirinhas e misture tudo, coloque por cima da metade do pão que tem a alface, junte a cebola e as azeitonas picadas; tempere e feche o pão, juntando à outra metade, apertando-as levemente, corte ao meio para servir.

Prato principal

Sanduíche de carne moída (2 porções)

Ingredientes

1 baguete de pão branco médio
 100 g de carne moída
 1 fatia grossa (1cm aproximadamente) de queijo prato
 1/2 xícara/chá de molho de tomate
 2 colheres de queijo parmesão ralado
 óleo para fritar
 folhas de alface
 rodelas de cebola

Modo de preparar

1. Corte o queijo prato em cubos não muito pequenos.
2. Tempere a carne moída com sal e pimenta-do-reino.
3. Faça bolinhas com ela, recheie com os cubos de queijo, aperte um pouco com as mãos para que os bolinhos fiquem levemente achatados. Frite-os no óleo quente até cozinhar bem, retire com uma escumadeira e deixe escorrer.
4. Coloque o molho de tomate e o queijo ralado numa panelinha, deixe cozinhar um pouco e coloque a cebola. Cozinhe por mais 5 minutos, junte os bolinhos de carne e cozinhe por mais dez minutos, desligue o fogo e deixe esfriar um pouco, recheie o pão com este molho e os bolinhos, cubra com alface e a outra metade do pão, corte em 2 pedaços e sirva.

Sobremesa

Panquecas de iogurte (3 panquecas)

Ingredientes

1 copo de iogurte natural
 1 ovo
 2 colheres/sopa de óleo vegetal
 2 1/2 colheres/sopa de açúcar
 1 colher/chá de fermento químico em pó
 1/2 colher de bicarbonato de sódio
 3/4 xícara/chá de farinha de trigo.
 Geléia, mel ou doce de leite para o recheio.

Modo de preparar

1. Na tigela da batedeira coloque o ovo e bata até engrossar. Junte o iogurte e continue batendo mais um pouco, junte o óleo, a farinha, o fermento e o bicarbonato e bata por mais cinco minutos.
2. Junte uma frigideira antiaderente de 13 cm de diâmetro, esquente-a um pouco e vá fazendo as panquecas uma a uma virando até dourar pelos dois lados.
3. Sirva quente com qualquer dos recheios, ou se preferir, sirva sem recheio.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

Entrada

Sanduíche frio de atum (1 porção)

Ingredientes

2 fatias de pão de forma integral
 60 g de atum enlatado escorrido e desfiado
 2 colheres/sopa de cenoura ralada
 1 colher/sopa de cebola picada
 2 folhas de alface
 2 rodela de tomate
 1 colher/sopa de maionese *light*

Modo de preparar

1. Amasse o atum com a cebola e a cenoura, junte a maionese, formando uma pasta, se quiser tempere com sal e pimenta-do-reino.
2. Coloque metade da pasta numa das fatias, cubra com o tomate e a alface e a outra metade da pasta.
3. Tampe com a outra fatia do pão, corte ao meio de forma diagonal formando dois triângulos.

Prato principal

Sanduíche de peito de Peru (1 porção)

Ingredientes

1 pão sírio médio
 40 g de fatias de peito de peru cozido
 3 colheres/sopa de queijo cottage
 2 folhas de alface
 3 fatias de tomate
 1 colher/sopa de maionese *light*
 2 colheres/chá de mostarda
 2 pepininhos de pickles cortados em rodela
 2 colheres/sopa de champignon cortados em fatias finas



Modo de preparar

1. Abra o pão sírio ao meio e espalhe a maionese nas duas metades.
2. Faça um molho com o queijo cottage e champignon, e leve ao fogo para esquentar sem ferver.
3. Espalhe esse molho no pão, coloque os pepinos, a alface e o tomate.
4. Junte o peito de peru e a mostarda, corte ao meio e sirva.
5. Se preferir leve um pouco ao forno e sirva levemente quente.

Sobremesa

Mousse de melancia (6 porções)

Ingredientes

600 g de polpa de melancia
 1 envelope de gelatina sem sabor vermelha
 2 claras
 2 colheres/sopa de açúcar
 adoçante a gosto
 1 colher/sopa de caldo de limão

Modo de preparar

1. Dissolva a gelatina conforme as indicações do envelope
2. Bata as claras em neve, junte com o açúcar. Reserve.
3. Bata no liquidificador a melancia com o limão e o adoçante a gosto, e a gelatina amolecida já morna.
4. Junte o batido de melancia às claras batidas com movimentos suaves para não perder volume.
5. Coloque em taças passadas por água e leve à geladeira para firmar.

O Espírito



Festa de Pentecostes

18 de Maio

1. Ponto de Partida

No Pentecostes aconteceu o nascimento da Igreja, apresentação oficial ao mundo com o batismo no Espírito. A paixão, morte e ressurreição de Jesus acontecem historicamente no instante em que Jesus entra na glória do Pai. Para melhor compreender estes fatos, os evangelistas os apresentam como se tivessem acontecido em datas diferentes. Lucas apresenta a vinda do Espírito Santo cinquenta dias após a ressurreição. Pentecostes era uma festa judaica que comemorava a aliança do povo de Israel no monte Sinai. Afirmando que o Espírito desceu nesse dia, Lucas quer indicar a substituição da antiga pela nova Aliança: esta realizada no Espírito.

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura At 2,1-11

A narrativa do evento Pentecostes está constituída de elementos simbólicos baseados no acontecimento do Sinai. Assim como Moisés recebe as tábuas da Lei em meio a trovões e relâmpagos, assim a nova Lei vem marcada pela presença de línguas de fogo. O fenômeno das línguas indica a universalidade da Igreja e da ação de Deus que rompe as barreiras de língua, raça ou nação. O Espírito abrange todos os homens e nações. Pentecostes é o oposto de Babel. Lá acontece o

desentendimento; aqui o Espírito reúne os que estavam dispersos. Os que se deixam transformar pelo Evangelho e pelo Espírito falam uma língua que todos compreendem e que a todos une: a linguagem do amor. É o Espírito que transforma a humanidade numa única família onde todos se entendem e se amam. Falamos a linguagem do Espírito quando ela une as pessoas.

2ª Leitura 1Cor 12,3b-7.12-13

Na carta de Paulo vemos que são muitos e diferentes os dons do Espírito; todos devem contribuir para formar o único corpo que é a comunidade dos discípulos de Cristo. É o Espírito que realiza tudo em todos. Não podemos confundir unidade com uniformidade. Não se pode sequer pensar em desânimo diante das divisões existentes nas comunidades. Uma sã diversidade é útil. O dons nos são dados, não para criar divisões, mas para favorecer a unidade. A comparação do corpo expressa bem essa idéia. Os dons que realmente enriquecem a comunidade são os que ajudam a manifestar o amor, viver a partilha e a comunhão.

Evangelho Jo 20,19-23

O Evangelho narra o primeiro encontro do Ressuscitado com os seus discípulos, no qual Jesus comunica o seu Espírito mediante o gesto de soprar sobre eles. A efusão do Espírito Santo vem ao encontro de uma necessidade fundamental da pessoa humana. Por um lado, ela deseja se tornar plenamente livre e só Deus pode realizar essa libertação. A vinda do Espírito Santo significa o princípio de uma nova criação. O fato de Jesus soprar sobre os discípulos recorda o gesto criador de Deus. Na Bíblia, Espírito significa vento, ar, sopro, alento, respiração, vida em suas diversas manifestações. De fato, Jesus infunde na comunidade eclesial o seu Espírito, o que equivale a um verdadeiro

renascimento, uma nova criação, obra da palavra de Deus. O Espírito de Jesus é gerador de vida. Uma das manifestações dessa vida é o perdão dos pecados. A Igreja recebeu a missão de criar condições para que o Espírito entre no coração de cada homem. O que consegue destruir o pecado na pessoa é a presença do Espírito. Quem recebeu este dom deve comunicá-lo aos demais. Onde o Espírito chega o pecado é destruído e cria condições de diálogo e unidade.

Ao aproximar-se o segundo milênio, a Igreja está sendo chamada a entrar em diálogo com as diferentes culturas, com o mundo moderno e com outros cristãos. Criar condições de diálogo supõe valorizar o que o outro tem de bom. As comunidades são as continuadoras da obra de Jesus pela ação do Espírito. Os dons distribuídos entre todos os membros da comunidades têm a finalidade de unir, a não ser usados para projeção e benefício pessoal. Quando todos colocam em comum os dons recebidos, a comunidade cresce e realiza obras importantes. De nada adianta muita competência, sabedoria e até mesmo aparente santidade, se isto não se transformar em serviço e doação. Para isso é preciso que se repita hoje o que aconteceu em Pentecostes: que a docilidade ao Espírito conduza ao diálogo fraterno e à doação.

3. Conclusão

O Espírito é a nova Lei ou Aliança do cristão. Ele age livremente na comunidade e distribui dons diferentes. A finalidade dos dons é promover o bem comum, edificar a comunidade, combater todo mal e promover a vida. Quando colocamos os dons a serviço da comunidade, formamos um grande corpo, unido no mesmo objetivo, ainda que por caminhos diferentes. Hoje o mundo precisa de uma Igreja dócil ao Espírito, com capacidade de diálogo, buscando sempre a verdade, sem nunca fugir da caridade. ■

Trindade, comunhão de vida!



Santíssima Trindade
25 de Maio

1. Ponto de Partida

Se observamos a história da salvação, percebemos que Deus sempre se manifesta como libertação para todos os que dele se aproximam. Acreditar num Deus distante não compromete nossa vida. Sentir que ele caminha junto com o seu povo, exige de nós um compromisso e tomada de posição. Cada pessoa, a família e a comunidade são chamadas a serem no mundo sinal do amor que une a Trindade.

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura Dt 4,32-34.39-40

Não basta crer em Deus. É preciso saber em qual deus nós acreditamos. Hoje se fala, com certo júbilo, do retorno da sacralidade e da religião no coração do homem. Muitas vezes, porém, o deus adorado identifica-se com o culto aos mortos, o esoterismo, as religiões orientais, o deus das mortes coletivas, o deus do culto da natureza como divindade, o deus dos fanáticos que apelam para a violência... É preciso, pois, saber o semblante do Deus que invocamos. A leitura de hoje é um convite a que o povo de Israel repense o conceito que o povo tem de Deus comparando-o com os deuses

dos outros povos. A certeza é que nenhum outro deus esteve tão perto de um povo quanto o Deus de Israel. De nossa parte também temos muitos motivos para nos sentir felizes, pois não estamos nem sozinhos e nem abandonados.

2ª Leitura Rm 8,14-17

Paulo revela a nossa realidade depois do batismo. Já não somos simples criaturas, nem escravos a serviço de um senhor que castiga e recompensa. Somos filhos. Dele recebemos a vida. O seu Espírito nos faz clamar: "Pai querido!" Deus se revelou para isso: para nos dizer que ele não é solitário, mas família, modelo de unidade e de comunhão entre pessoas. É a essa família que pertencemos.

Evangelho Mt 28,16-20

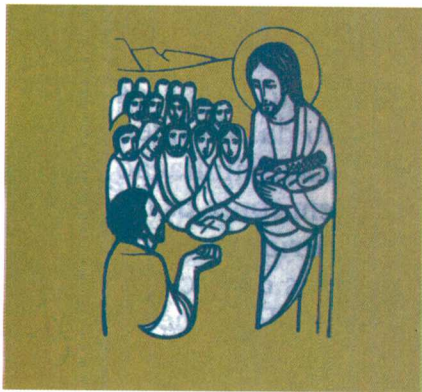
O texto do Evangelho contém a fórmula com a qual eram batizados todos os cristãos nas comunidades primitivas. Eram mergulhados três vezes na água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Jesus se manifesta aos seus dizendo que todo poder lhe foi dado. Certamente não é o poder de dominar, mas de salvar, de conduzir os homens para Deus. Jesus não guarda para si este poder que o Pai lhe concedeu, mas o comunica aos seus discípulos. Na verdade, Jesus dá aos apóstolos e hoje às comunidades a tarefa de serem sementes de outras tantas comunidades transformadoras. Fazer novos discípulos, fazê-los participar da vida da comunidade através do batismo. Assim as pessoas podem ter a graça de uma vida nova. Batismo é a porta de entrada para a comunidade; é germe de vida e não ato mágico, é semente à qual é preciso dar condições de crescer e de produzir frutos. A atividade dos apóstolos consiste em introduzir todos os homens na família de Deus. É esse o poder que recebem. A família de Deus, a Trindade, sempre está aberta para

acolher novos filhos. O Pai quer que o seu amor conquiste a todos. Por seu lado, a comunidade é chamada a ser imagem da Trindade. Mais do que tentar explicar o inexplicável, pois, ela é mistério, o que importa é que fomos criados à imagem e semelhança de Deus e somos convidados a ser como a Trindade. E o que há de mais importante na Trindade é a qualidade do amor, da unidade que existe entre as três divinas pessoas. São diferentes, mas podem ser um só porque o laço do amor entre elas é perfeito. O relacionamento na comunidade dos batizados deve ser reflexo e manifestação da unidade na diversidade que existe nas três pessoas divinas. A Trindade é a imagem da perfeita harmonia, da perfeita integração, da total realização que acontece no encontro e no diálogo de amor com as outras pessoas. Uma das grandes provas do amor de Jesus é a sua promessa de permanência entre nós "até o fim dos tempos". A presença sempre atualizada de Jesus e do Santo Espírito permite que sejamos criativos e atuantes diante dos desafios que o mundo apresenta. Para que estejamos realmente atualizados é preciso que nos empenhemos muito.

3. Conclusão

É bom o cristão se perguntar em qual deus acredita. Melhor ainda, saber que, o nosso Deus é família e não solidão. Não só isso, ao pertencer à comunidade cristã é convidado a ser, juntamente com os demais membros, reflexo da Trindade para os que ainda não crêem. Nela existe a possibilidade de fazer a experiência de nos sentir realmente filhos de Deus. Os batizados são convidados a viver na comunidade, a unidade na diversidade. A comunidade cristã é lugar de irmãos, de partilha, de colaboração. A presença constante de Jesus junto ao seu povo abre a possibilidade de tirarmos do Evangelho riquezas capazes de responder a novos desafios. ■

O Sacrifício da Nova Aliança



Corpus Christi
29 de Maio

1. Ponto de Partida

A história da salvação é feita por encontros e desencontros. Os momentos fortes de encontro e relacionamento profundo do povo com Deus são chamados de Alianças. As muitas realizadas no Antigo Testamento têm como ponto alto a Nova Aliança, realizada em Jesus Cristo. É a que celebramos hoje. A manifestação pública da fé através de procissões é um outro aspecto desta solenidade.

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura Ex 24,3-8

Todos os povos têm seus rituais para selar alianças. Os israelitas usavam sangue de animais oferecidos em sacrifício. Duas pessoas que queriam fazer um juramento de fidelidade tocavam com as mãos o sangue das vítimas e assim se tornavam irmãos. A leitura de hoje comporta esse mesmo esquema. Aos pés do monte Sinai Deus faz uma aliança com o seu povo. Do sangue dos animais sacrificados, uma parte é derramada sobre o altar (representando Deus), outra parte sobre as doze pedras (representando o povo). Daí para frente as duas partes se tornariam comprometidas.

Sabemos que o povo de Deus não foi fiel. Mesmo assim, Deus promete estabelecer uma nova aliança, que será cumprida com fidelidade.

2ª Leitura Hb 9,11-15

O povo de Israel celebrava, a cada final de ano, a Festa da Expição para apagar os pecados cometidos durante o ano e renovar os laços de amizade com Deus. Na cerimônia, o sacerdote entrava na parte mais secreta do Templo, no santo dos santos, e aí derramava o sangue da Aliança. O autor da carta aos Hebreus compara esse gesto do sumo sacerdote ao de Jesus e afirma que a Nova Aliança é superior à antiga. A Aliança realizada por Jesus foi no seu próprio sangue e definitiva. Derramar o sangue hoje pode significar o esforço em viver a justiça e em melhorar as condições de vida da família, da comunidade. Quem assim age derrama seu "sangue" pelos irmãos, colabora com Cristo na destruição de todo pecado e participa da criação de uma nova humanidade.

Evangelho Mc 14,12-16.22-26

Deus se vê diante de um mundo estragado pelo pecado e quer devolver à humanidade o direito de ser feliz. As antigas alianças que Deus faz com o povo não produzem o fruto desejado, faz-se necessário uma nova, que dure para sempre. Em Jesus, Deus se compromete com a nossa salvação de um modo mais radical. Ele é o bom pastor que dá a vida; a videira na qual os ramos podem buscar a seiva. Em seu nome os discípulos formam comunidades para continuar sua presença no mundo. Jesus deixa um sinal concreto de sua presença na partilha do pão em comunidade. A nova aliança é, ao mesmo tempo, encontro, compromisso e alimento para sustentar o cristão na fidelidade. Aproximar-se do altar e comungar o corpo e o sangue de Cristo significa partilhar do alimento e bebida que

formam a comunidade de irmãos, comprometidos entre si e com Cristo. Os que assim comungam, tornam-se um só povo, constituem o começo de uma nova humanidade e têm como lei o serviço, a doação até da própria vida. Quem participa da comunhão se compromete na transformação da própria vida, disponibilidade total e doação de si. Para comungar, não é suficiente acreditar que Cristo está na Eucaristia. É preciso a decisão de vivenciar as atitudes e práticas de Jesus.

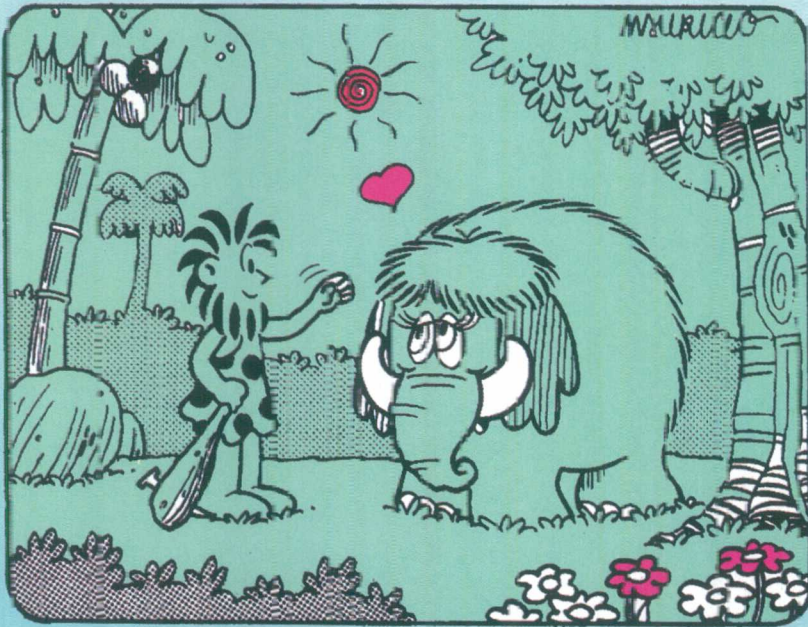
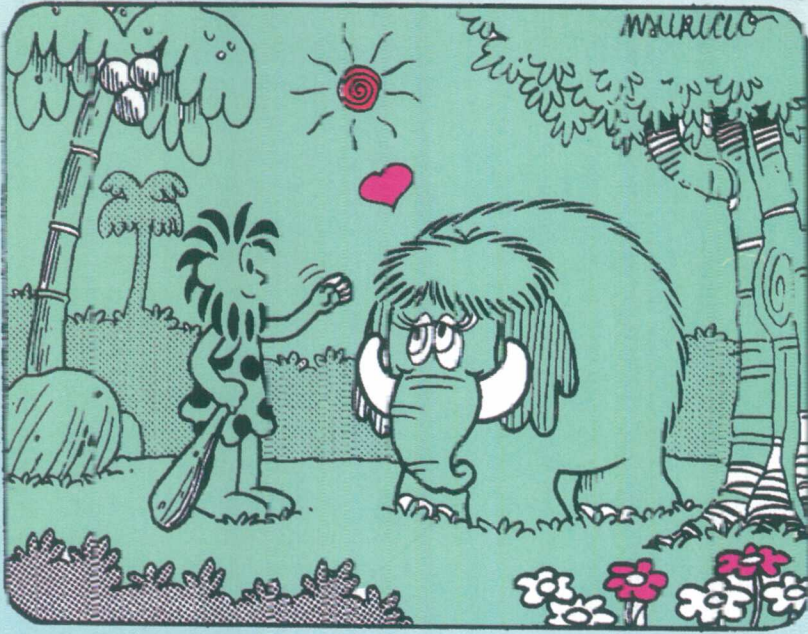
A Eucaristia é sempre o alimento de uma comunidade. O pão é partido entre irmãos, porque é a comunidade o sinal da nova humanidade nascida da ressurreição de Cristo. O sangue de Cristo foi "derramado por muitos", isto é, por todos. Por isso, todos têm o direito de serem acolhidos na comunidade. Para Deus não existem distinções. Diante da Eucaristia todos os homens são iguais e todos são chamados a entrar em comunhão com Cristo. Toda vez que a comunidade se reúne para a celebração da Eucaristia, ela renova a Aliança definitiva realizada em Jesus Cristo e o sim pronunciado no Batismo. A frase final de Jesus: "Não beberei mais do fruto da videira..." nos faz lembrar que todos somos peregrinos nesta terra e que aguardamos o dia em que o Reino de Deus se manifestará em toda a sua plenitude.

3. Conclusão

Os sacrifícios antigos são uma preparação para a salvação que iria se manifestar em Jesus. A refeição onde se partilha o Corpo do Senhor será o ponto de união das comunidades, do começo até hoje. É o cume e a fonte de toda ação evangelizadora da Igreja. A eucaristia é o alimento da comunidade cristã para que ela seja continuadora da missão de Jesus. ■

Revista Ave-Maria
99 anos

DIVERTIMENTOS

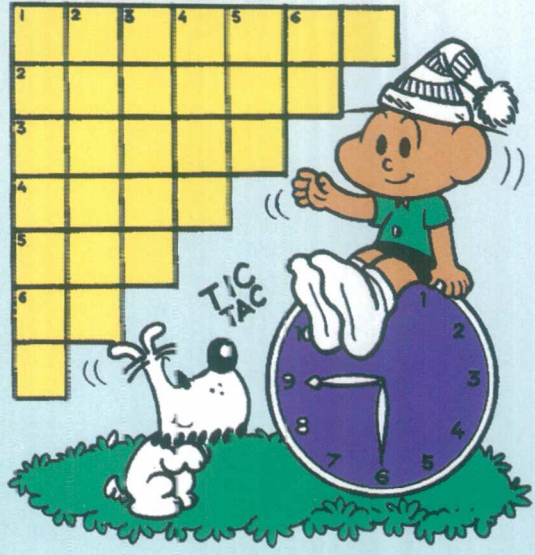


JOGO DAS SETE DIFERENÇAS- PITECO ENCONTROU UM FILHOTE DE MASTODONTE NA FLORESTA E TORNOU-SE AMIGO DELE. ENQUANTO ELE CUIDA DO SEU NOVO AMIGO, TENDE ENCONTRAR 7 DIFERENÇAS ENTRE AS DUAS FIGURAS ACIMA.

SOLUÇÕES:

- AS SETE DIFERENÇAS: PREGO DA CLAVA DO PITECO, COCO, FLOR À ESQUERDA, BOCA DO MASTODONTE, PEDRA AO FUNDO, TRONCO DA ÁRVORE, COQUEIRO AO FUNDO.
- CRUZADINHAS: RELOGIO, EMANAR, LAPIS, ONIX, GAS, IR.
- EXISTEM 2 LETRAS "G".

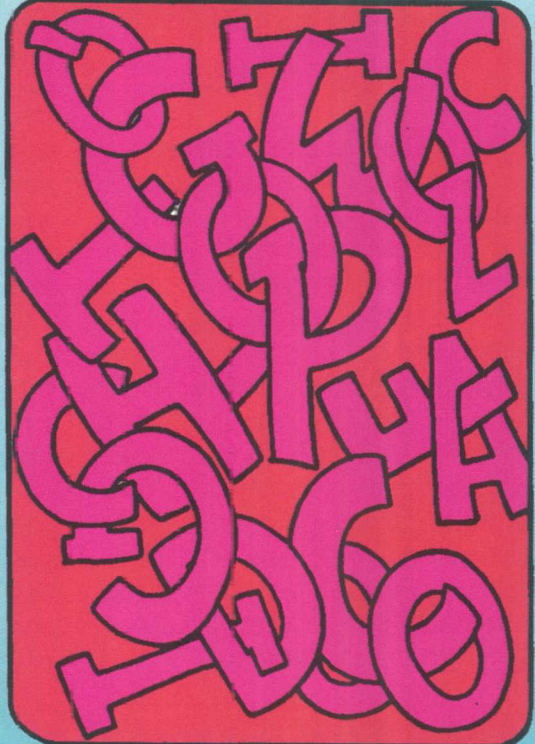
AQUI ESTÃO AS SOLUÇÕES!



CRUZADINHAS
HORIZONTALIS-VERTICAIS

1. MARCA AS HORAS.
2. SAIR, ORIGINAR-SE.
3. SERVE PARA ESCREVER.
4. PEDRA PRECIOSA NEGRA.
5. TEM NO BUJÃO.
6. SEGLIR.

QUANTAS LETRAS "G" EXISTEM NO QUADRO ABAIXO?



Súplica de um exilado

Salmo 60 (hebraico 61)

- 1 *[Anotações originais, manuscritas, que não são de inspiração divina.]*
- 2 Ouve, ó Deus, o meu clamor.
Atende a minha oração!
- 3 Coração profundamente angustiado,
dos confins da Terra eu clamo a ti:
Leva-me para o alto de um rochedo,
onde eu possa descansar!
- 4 Porque és o meu refúgio,
torre fortificada contra o Inimigo.
- 5 Na tua tenda possa eu sempre morar
e me abrigar à sombra da tuas asas!
- 6 Certamente, ó Deus, ouvirás os meus votos,
e me darás a herança
dos que são fiéis ao vosso Nome.
- 7 Dias e mais dias acrescenta ao rei.
Que ele viva por gerações e gerações.
- 8 Reine na presença de Deus a perder de vista
e possa contar com a proteção
da tua bondade e fidelidade.
- 9 Então, sem cessar terei de celebrar o teu Nome
e cada dia cumprirei com os meus votos.

Rochedo, Rocha, Pedra — bastante perseguido e inquieto, mas muito confiante em Deus. (Neste caso os versículos 7 e 8, referentes ao rei, teriam sido acrescentados bem mais tarde, pela comunidade crante nas sinagogas.)

Essa confiança não conhece limite de espaço: *Dos confins do País (ou da Terra) eu clamo!* Não conhece limite de altura: *Vós me colocareis num alto rochedo, numa torre bem alta!* Não conhece limite de tempo: *eu vos cantarei sempre por toda a vida!*

Versículo 4

Escrevemos a palavra *Inimigo* com inicial maiúscula, porque pode ser que se refira à Morte, personalizada, como acontece outras vezes. Exemplo salmo 17,18. Em todo caso quem desconhece que o pior Inimigo nosso e

de Deus é o Diabo, Satanás?

Para entender melhor

Existem uns 38 salmos classificados como *súplicas individuais*. Este é um deles.

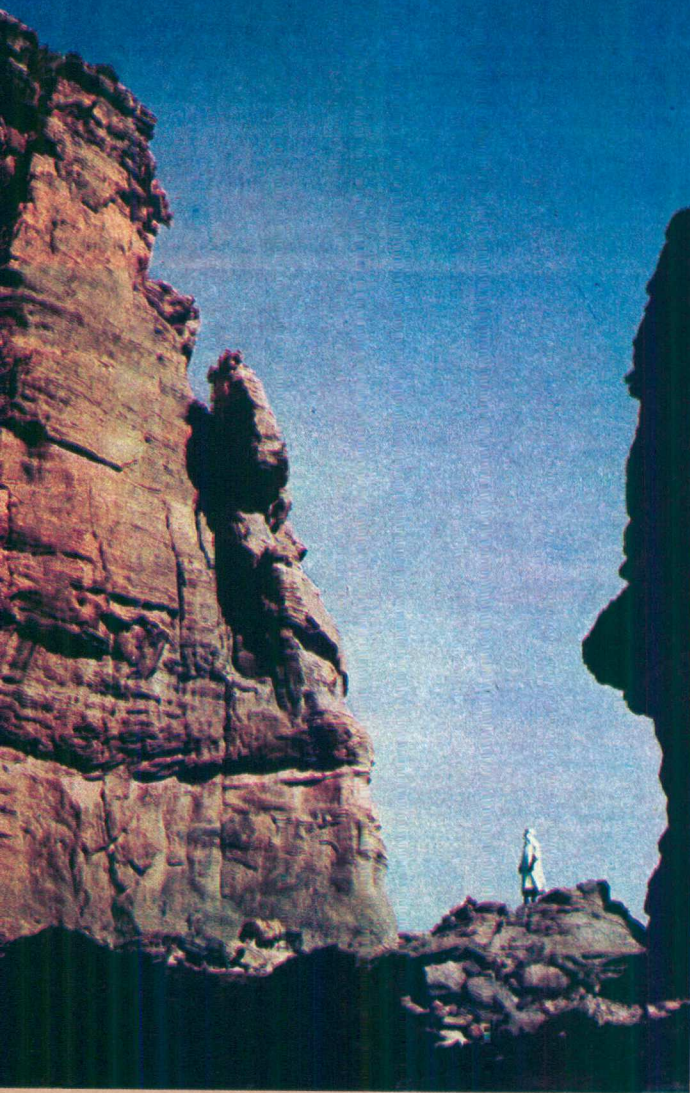
Uns o colocam no grupo dos 9 ou 10 *salmos reais* (referentes ao rei). Seria prece de um *rei israelita* que deseja voltar para Jerusalém e viver com segurança, perto de Deus e de seu santuário.

Outros consideram nosso salmo súplica de um *indivíduo desconhecido*, talvez exilado ou apenas distante do querido Templo de Jerusalém — que ele designa com a palavra

Versículo 5

A frase *morar na tenda de Deus, esconder-se sob suas asas*, que comporta uma explicação espiritual de grande alcance, pode ter-se referido, inicialmente, ao direito de asilo que adquiria quem se refugiava no Templo, junto ao altar de Deus, como indicam 1Reis 2,28-30; Salmos 26,4-6; 30,21 e outras passagens.

Não estranhe que, para significar a *casa de Deus, estar com Deus*, eu tenha escolhido a palavra *tenda*. É mania querer modernizar



expressões bíblicas chamadas “arcaizantes” (= expressões que, com afeto e saudade, lembram o passado). Primitivamente eram tendas, choupanas, choças, cabanas, ranchos, barracas... Estas palavras são até preferíveis a *tabernáculo* — diminutivo de taverna (= taverninha), que significa local de venda de vinhos a varejo, mas que o uso religioso consagrou.

Exemplo de belíssima expressão bíblica arcaizante lemos no Evangelho de São João 1,14: *O Verbo de Deus se fez carne e armou sua tenda [= acampou, habitou] entre nós.* Arcaizantes também as cerimônias de 7 dias da festa das Tendas, do Acampamento (Confira a página da Bíblia da Ave Maria chamada “Calendário Hebraico”).

Versículo 8

A prece pelo rei fala de *eternidade*, para

sempre. Isto só acontece com quem é rei na **ordem espiritual — Jesus Cristo**. Duração exagerada na ordem terrena, lembra em parte o nosso **Parabéns a Você**, que deseja ao homenageado **muitos anos de vida** — muitas vezes impossível!

Ao contrário do que acontece hoje em dia em muitos países, na antiguidade o povo cuidava do bem-estar do rei e pedia por ele a seus deuses, freqüentemente usando expressões exageradas (hipérboles): Salmo 17 fim; 44 fim; 71 quase fim; 88,4; 131,11. Modo de falar inspirado na profecia de Natã: 2 Samuel 7,16.

Este voto de reino eterno, portanto, é o pensamento imediatamente para Jesus Cristo, rei, e para o seu reino, a santa Igreja, e para o reinado de Deus em cada coração; isto é, em cada pessoa de bem.

Bondade para prometer, fidelidade para cumprir.

Aplicações para Salmo:

Festa de Cristo Rei, por falar de Reino sem fim.

Festa do Coração de Jesus, por falar de refúgio e descanso em rochedo.

Oração antes de ir dormir, por falar de abrigo contra o Inimigo.

Festa dos santos, agradecidos por entrarem na posse dos bens eternos prometidos aos fiéis de Deus.

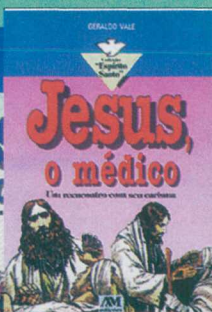
Oração dos Religiosos e Religiosas consagrados, por falar em viver junto ao santuário, na casa de Deus (casa religiosa), fidelidade aos votos, herança reservada aos fiéis.

Oração de toda alma piedosa que se considera longe da Pátria, distante do Paraíso, mas segura de lá voltar um dia, para reinar eternamente, *a perder de vista, junto de Deus!* ■

COLEÇÃO "Espírito Santo"

Texto: *Geraldo Vale*

Uma coleção de sete livros simples, escritos em linguagem popular e acessível, cujo maior valor é levar o leitor a um reencontro com seu carisma, constatando que a ação do Espírito Santo pode manifestar-se em todas as atividades do homem, instrumento de Deus.



NATUREZA E SIGNIFICADO DO PRAZER SEXUAL

Texto: *Gabriel Bononi*

O prazer sexual está em condições de ser usufruído em plenitude, quando a relação homem e mulher os leva a crescer como pessoas. Dirige-se a todas as pessoas.



INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA BÍBLIA



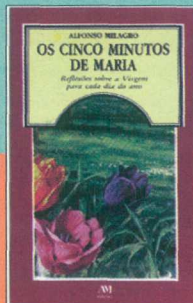
Vol. 1: A Bíblia e seu contexto

Texto: *Vários Autores*
Trata da arqueologia e geografia bíblica; história e instituição do povo bíblico; literatura do texto da Bíblia.



Vol. 6: Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos

Texto: *R.A. Monastério e A.C. Carmona*
Estudo sobre os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e Atos. Dirige-se a todos os que queiram aprofundar sua formação bíblica.



Os cinco minutos de Maria

Texto: *Alfonso Milagro*
Livro de reflexão e meditação. Após a leitura de cada tópico referente a Maria, sugere-se cinco minutos de ponderação sobre nossas vidas e nossas realizações.

AM

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/ 81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 66 2128 / 66 2129
CAIXA POSTAL 6226 CEP 01064-970 SÃO PAULO, SP

IMPRESSO